

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO LETRAS LIBRAS
CURSO LETRAS LIBRAS BACHARELADO

Cecilia Prandini Rodriguez

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE INTERPRETAÇÃO DO CURSO
LETRAS LIBRAS - UFSC: IMPRESSÕES DOS ESTUDANTES EM FORMAÇÃO**

Florianópolis

2023

Cecilia Prandini Rodriguez

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE INTERPRETAÇÃO DO CURSO
LETRAS LIBRAS - UFSC: IMPRESSÕES DOS ESTUDANTES EM FORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras Libras Bacharelado do Centro De Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras Libras.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Audrei Gesser

Florianópolis

2023

Prandini, Cecilia Rodriguez

O estágio supervisionado de interpretação do curso Letras Libras - UFSC: impressões dos estudantes em formação / Cecilia Rodriguez Prandini ; orientadora, Audrei Gesser, 2023.

71 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - LIBRAS, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Letras - LIBRAS. 2. Formação de tradutores e Intérpretes .
3. Letras Libras UFSC. 4. Estágio supervisionado . I. Gesser, Audrei . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras - LIBRAS. III. Título.

Cecilia Prandini Rodriguez

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE INTERPRETAÇÃO DO CURSO
LETRAS LIBRAS - UFSC: IMPRESSÕES DOS ESTUDANTES EM FORMAÇÃO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Letras Libras e aprovado em sua forma final pelo Curso Letras Libras Bacharelado UFSC, 21 de junho de 2023

Insira neste espaço
a assinatura

Coordenação do Curso

Banca examinadora

Insira neste espaço
a assinatura

Prof (a): Audrei Gesser, Dra.
Orientador - Universidade Federal de Santa Catarina

Insira neste espaço
a assinatura

Prof.(a) Aline Lemos Pizzio, Dra.
Avaliadora- Universidade Federal de Santa Catarina

Insira neste espaço
a assinatura

Prof.(a) Juliana T. Lohn, Me.
Avaliadora- Universidade Federal de Santa Catarina

UFSC, Letras Libras Bacharelado, 2023.

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que acreditam que a educação e o acesso igualitário a esta é um direito pelo qual se deve lutar, o que permite nos aproximar a uma sociedade mais justa e inclusiva. Um agradecimento a todos os estudantes que colaboraram com seus depoimentos para que este trabalho fosse possível. Aos professores do Letras Libras Bacharelado que não desistiram de cobrar esforços e me apoiaram nesta passagem pelo curso. Gostaria também de agradecer aos membros da banca examinadora, professora Juliana e Aline. Um agradecimento especial a minha supervisora Audrei, que apesar de minhas incertezas nos primeiros esboços desta pesquisa, mostrou-me o caminho de forma paciente e dedicada. E um agradecimento para meus queridos colegas com os quais compartilhei estes quatro anos e meio, entre tantos desafios, conquistas, medos e muitos risos – momentos que levarei sempre em minha memória e me fizeram lembrar quão bons são os recomeços.

RESUMO

Trabalho de conclusão de curso: Bacharelado em Letras-Libras 2023



RESUMO:

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE INTERPRETAÇÃO DO CURSO LETRAS LIBRAS - UFSC: IMPRESSÕES DOS ESTUDANTES EM FORMAÇÃO



Cecilia Prandini

0:00 / 2:10

Orientadora: Profa. Drª. Andrei Gesser



<https://youtu.be/O5c75nrB7CI>

RESUMO

O presente trabalho visa analisar o estágio supervisionado em interpretação dentro do curso de Letras Libras Bacharelado, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a partir do relato das expectativas e vivências dos alunos. O objetivo da pesquisa é construir reflexões sobre a formação a partir da análise das impressões dos discentes como partícipes diretos e ativos do processo de ensino e aprendizagem. Também se problematiza o momento em que o estágio supervisionado ocorre na grade curricular e o contexto onde este se dá a partir dos relatos dos estudantes. Uma breve passagem sobre a história do curso é apresentada, bem como pontuações sobre o Projeto Político Pedagógico, o Regulamento do Estágio e o Plano de Ensino da disciplina. Será desenvolvida uma pesquisa qualitativa- interpretativa, e os dados serão coletados via questionários online anônimos, enviados aos estudantes a partir da quinta fase do curso Letras Libras Bacharelado Presencial, de modo que se contempla nesta pesquisa estudantes que já cursaram o estágio e aqueles que ainda não passaram pela experiência. O caminho percorrido durante a pesquisa visa evidenciar a relação existente entre os aspectos curriculares, a questão tempo-espaço da realização do estágio em interpretação e o impacto na formação dos estudantes, para então ter uma visão sobre o ponto de vista dos alunos sobre esta etapa crucial formativa.

Palavras-chave: Formação de Tradutores e Intérpretes; Letras-Libras; Estágio Supervisionado.

RESUMEN

El presente trabajo pretende analizar la práctica supervisada en interpretación dentro del curso Letras Libras Bachillerato de la Universidad Federal de Santa Catarina, a partir del relato de las expectativas y vivencias de los alumnos. El objetivo de esta investigación es construir reflexiones sobre la formación de intérpretes de Libras a partir de un análisis de las impresiones de los estudiantes como participantes directos en el proceso de enseñanza - aprendizaje. También se problematiza el momento y el contexto en que esta práctica supervisada ocurre dentro de la organización curricular a partir de los relatos de los estudiantes. Se hace un pasaje sobre la historia del curso, el Proyecto Político - Pedagógico (PPP), el reglamento de práctica y el plan de estudio de la disciplina. Se desarrolla una investigación cualitativa- interpretativa, donde los datos serán recogidos a través de cuestionarios online anónimos a estudiantes a partir del quinto semestre del curso en cuestión, así como a alumnos que ya finalizaron la práctica. El camino recorrido durante el trabajo busca visualizar la relación existente entre los aspectos curriculares y el tiempo espacio en que la práctica em interpretación sucede, para así obtener una visión sobre el punto de vista de los estudiantes sobre esta etapa crucial en su formación.

Palabras clave: Formación de Traductores e Intérpretes; Letras Libras; Práctica Supervisada.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LIBRAS Língua Brasileira de Sinais

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

EaD Educação a distância

PPP Projeto Político Pedagógico

TILS Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais

ILS Intérpretes de Línguas de Sinais

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. REFERÊNCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL.....	15
2.1 O Letras Libras Bacharelado da UFSC: caminhos percorridos	15
2.2 O estágio e seus papéis na formação superior	21
2.3 O estágio em interpretação em Libras-Português	27
3. A ABORDAGEM QUALITATIVA-INTERPRETATIVA DE PESQUISA	38
3.1 Procedimentos para coleta e análise dos dados	39
3.2 O contexto e os participantes da pesquisa	40
4. O ESTÁGIO DE INTERPRETAÇÃO NA VISÃO DOS ESTUDANTES	42
4.1 Os sentimentos em relação ao desconhecido.....	46
4.2 Experiências e percepções sobre o tempo e o período do estágio	51
4.3 Concepção do estágio no campo de atuação	56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
ANEXOS.....	68

1 INTRODUÇÃO

Partindo da minha experiência pessoal, como aluna já formada em Pedagogia em alguns anos, e em formação no curso Letras Libras Bacharelado da UFSC, fui criando expectativas voltadas aos estágios supervisionados, depositando nestes a ideia de que constituiriam um momento muito produtivo da minha formação, aquele momento que se aproximaria à realidade da profissão, ou seja, às vivências que um intérprete de Libras poderá ter e que marcarão sua identidade e trajetória profissional como tal. A idealização desta instância formativa me levou à reflexão sobre o tema, e a necessidade de procurar respostas que não fossem abstratas, mas sim que tivessem um embasamento científico, ainda que empírico, sobre as impressões dos bacharéis sobre esta etapa de formação. Assim, surgem as seguintes perguntas que darão o pontapé inicial a esta pesquisa: *como os estudantes percebem o significado desta experiência na sua formação acadêmica? Quais são as impressões iniciais dos alunos sobre o estágio supervisionado em interpretação do curso Letras Libras? Como os alunos vivenciam esta instância?*

Em uma rápida busca sobre o assunto, percebe-se que a maioria dos trabalhos acadêmicos científicos tratam sobre o estágio nos cursos com foco na licenciatura, e em sua maioria relacionados com a docência. Alguns tratam especificamente do curso Letras Libras Licenciatura, porém, poucos trabalhos abordam o tema de estágio na formação de intérpretes de Libras. Isto não é uma coincidência, se tomamos em consideração que a formação de intérpretes de Libras-Português (a nível superior) é muito recente.

Os cursos de graduação em Letras Libras nas universidades federais brasileiras são pioneiros nesta oferta, com destaque para a UFSC, que instaurou as primeiras turmas em educação a distância, a partir de um projeto especial com aporte financeiro da SEAD/MEC e da CAPES. O ano de 2006 foi o início do Curso de Graduação em Letras Libras Licenciatura, e posteriormente, em 2008, o Curso de Graduação em Letras Libras Bacharelado foi lançado, o qual formou um número significativo de estudantes e marcou o ingresso dos surdos nos âmbitos acadêmicos a nível superior bem como ouvintes interessados na formação de bacharel.

Quadros (2014) apresenta de forma retrospectiva todo o árduo processo envolvido na criação do(s) curso(s), em que se observa o sério trabalho, a luta, os resultados e os impactos que a criação da graduação Letras Libras provocou no universo acadêmico. O curso causou mudanças que não se limitaram apenas ao comportamento dos alunos e do corpo acadêmico envolvido diretamente no curso, as mudanças impactaram a forma de conceber os estudos na área de comunicação e expressão na UFSC, que contou com a presença de alunos surdos no

âmbito institucional, até então pouco visto (QUADROS, 2014, p.230). A instauração dos cursos a distância Letras Libras no ano 2006 e 2008, suas conquistas e forças, todo o cenário, portanto, dão início e servem como antecedentes e base para a implementação dos cursos presenciais Letras Libras. Com efeito, ofertas de licenciatura e bacharelado no ano 2009 com um currículo que precisou de algumas modificações para atender o público alvo específico na oferta da modalidade presencial foram implantadas no catálogo de cursos da UFSC.

Percebemos que a criação do curso Letras Libras Bacharelado presencial é recente, assim os estudos encontrados sobre o estágio na formação do TILS se restringem a alguns trabalhos que abordam a perspectiva dos docentes sobre o tema, e trabalhos científicos produzidos por pesquisadores que indagam sobre a formação de TILS, ou seja, não se visualizaram registros sobre trabalhos que abordem a formação desde a perspectiva dos discentes em relação ao estágio *de intérpretes* no presente curso.

A comunidade surda, pesquisadores/professores surdos e ouvintes, especialistas na área de estudos de surdos, da Libras e na área de Estudos da Interpretação e Tradução e formação de TILS têm produzido diversos trabalhos sobre a formação de intérpretes. Atualmente, os trabalhos desenvolvendo pesquisas na área de Libras e na formação dos intérpretes e tradutores de Libras – Português têm aumentado significativamente, porém é um tema ainda incipiente.

Na minha perspectiva de estudante em formação, ao escolher tal tema, o intuito é o de construir reflexões sobre a formação a partir da escuta das vozes e percepções dos alunos. Isto porque, na maioria das vezes, aspectos importantes que os estudantes vivenciam são socializados apenas em espaços limitados, entre colegas de curso e/ou com os professores responsáveis. Essa dinâmica, embora importante, invisibiliza o registro das questões que podem trazer luz ao campo e, em sendo pertinentes, ter algo a contribuir. Daí que a socialização destas impressões, ou seja, das inquietações, desafios, conquistas, relatos dos processos de ensino-aprendizagem dos estudantes a nível acadêmico com foco na experiência do estágio supervisionado podem servir de base para futuras reflexões. Além das impressões dos estudantes quanto expectativas e experiências e o impacto deste momento na sua formação, uma questão do estágio supervisionado que se problematiza é o tempo que este ocorre dentro da grade curricular.

O curso Letras Libras Bacharelado Presencial da UFSC, campo de estudo deste trabalho, tem atualmente uma carga horária de 3330 em sua totalidade, incluindo as disciplinas optativas. É composto em sua totalidade por 9 semestres e conta com 40 disciplinas. O estágio supervisionado é oferecido aos alunos na nona fase, ou seja, no último semestre dos futuros graduandos. (PPP, 2012). Esta pesquisa será realizada com alunos a partir da quinta fase do

curso Letras Libras Bacharelado da UFSC, abarcando aqueles alunos que ainda não passaram por esta etapa e aqueles que já passaram. Desta forma, pretende-se considerar se a relação entre o desconhecido e o vivenciado apontam diferenças de olhar dos alunos sobre o estágio, do ponto de vista das dificuldades e/ou eventuais mudanças propositivas.

Segundo o Regulamento de Estágio (UFSC, 2013) o objetivo geral é formar tradutores/intérpretes de Libras-Português do curso de bacharelado em Letras-Libras para atuarem na tradução e/ou interpretação de Libras, seguindo princípios éticos inerentes ao exercício da profissão, demonstrando competência linguística e referencial teórico para desempenhar a função de forma apropriada. Para isto, visa proporcionar vivências reais da profissão, oportunizando momentos de observação, análise e reflexão de forma integrada dos conhecimentos adquiridos no curso sobre o campo teórico dos Estudos da Tradução e mais especificamente dos Estudos da Tradução em Língua de Sinais. Ou seja, a disciplina de Estágio em Interpretação é de suma importância para a inserção do aluno na convivência em espaços de atuação dos TILS, consiste em um tempo dentro da formação que procura brindar ao aluno uma experiência pré-profissional, o contato com a realidade social profissional.

Entende-se que o objetivo do estágio é que os futuros profissionais desenvolvam de forma integrada o processo formativo a partir da observação, da análise e da reflexão dos momentos vivenciados. Considera-se viável assim, realizar uma análise do estágio desde a voz dos estagiários. Desde esta perspectiva pode-se ter uma visão mais clara sobre distintos aspectos do percurso formativo percorrido pelos alunos. Mesmo que seja um olhar subjetivo, a voz do estudante tem seu valor pois pode permitir uma sincera reflexão sobre o assunto, o que pode ressignificar esta experiência.

Para embasar a discussão, teóricos que discutem o estágio supervisionado, como Pimenta e Lima (2006; 2010), e Tardif (2002) serão abordados, pois dialogam em concepções importantes para chegar a um entendimento do estágio como na indissociabilidade de teoria e prática no processo formativo. Tais autores, é importante dizer, articulam o estágio no campo da formação docente, no âmbito da licenciatura, mas a correlação é importante pois ambos focam suas pesquisas na relevância da influência das interações sociais nos diversos espaços, tanto de desenvolvimento profissional como de formação. Somados aos conceitos esboçados na literatura sobre estágio, também se visualiza a abordagem conceitual de estágio perante o Projeto Político Pedagógico que norteia o curso. Assim, aspectos do Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso serão refletidos, pois o projeto destaca a relação entre teoria e prática durante todo o processo formativo dos TILS a partir das diversas atividades desenvolvidas durante a formação.

O capítulo dois, que corresponde ao referencial teórico, apresentamos uma passagem sobre a história do curso Letras Libras Bacharelado e seu surgimento, fatores que influenciaram na sua criação e na elaboração do currículo. Também se discorre sobre a concepção do estágio fazendo uma análise dos aportes de diferentes autores, de modo apresentar o que diz a literatura sobre o conceito. Recorremos também ao Regulamento de Estágio e ao Plano de Ensino para melhor compreensão dos pressupostos delineados e sua importância dentro da grade curricular, tendo como referência o que preconiza o Projeto Pedagógico do Curso. Também são articuladas algumas questões pertinentes na formação, abrangendo *as competências* necessárias na profissão do TILS e suas peculiaridades (RODRIGUEZ, 2018b). O terceiro capítulo descreve a metodologia e o processo de coleta de dados, bem como uma contextualização dos participantes da pesquisa. No quarto e último capítulo, a partir das respostas dos estudantes, se categorizam e analisam os dados coletados, com o objetivo de refletir sobre as expectativas e experiências, dos estudantes, e desse conhecimento articular aos fundamentos teóricos e pedagógicos do curso, reforçando importância deste momento na formação dos TILS.

Em relação aos resultados esperados, o presente trabalho visa evidenciar a relação existente entre os aspectos curriculares, a questão do tempo-espço em que o estágio em interpretação ocorre, destacando a importância deste momento formativo e as percepções dos alunos sobre esta etapa da formação. Ainda que o estágio obrigatório não seja uma prerrogativa para bacharéis, enquanto exigência curricular do MEC, reconhecer essa disciplina posta no currículo e pensar o seu papel bem como sua importância na formação dos TILS é de extrema importância para nos guiar a um entendimento ampliado sobre a relação teoria e prática na formação acadêmica do curso Letras Libras Bacharelado.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

2.1 O Letras Libras Bacharelado da UFSC: caminhos percorridos

O primeiro curso de graduação em Letras-Libras Licenciatura em Universidade Federal foi uma resposta as demandas da comunidade surda, pela valorização e reconhecimento de sua Língua (DALL'ALBA; SARTURI, 2014, p.11). Neste sentido, Quadros (2014, p. 305) mostra o papel fundamental que as organizações da comunidade surda cumpriram na luta pelo reconhecimento de seus direitos e em busca de uma participação efetiva. A este respeito explica que a proposta de realizar um curso de formação de profissionais da área da surdez situa-se historicamente dentro do contexto dos movimentos de surdos iniciados pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS). Criada em 1977 com o nome de FENEIDA (Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos), porém nessa época a diretoria era formada unicamente por pessoas ouvintes envolvidos na problemática da surdez. Perante esta situação:

Em 1983, a comunidade surda criou uma Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos, um grupo não oficializado, mas com um trabalho significativo na busca de uma participação efetiva em decisões como membro da diretoria. Até então esse direito lhe era negado por não se acreditar na capacidade de se coordenar uma entidade. No entanto, a Comissão obteve credibilidade, conquistou a presidência, e em 16 de maio de 1987, em Assembleia Geral, reestruturou o estatuto e a instituição passou a se chamar FENEIS. Durante os sete anos seguintes, a Federação se fortaleceu e preparou-se para descentralizar, com o sonho de fundar seus escritórios regionais, que viriam a suprir demandas diferenciadas da comunidade. Atualmente a FENEIS possui 130 entidades filiadas, entre escolas e associações de surdos. (QUADROS, 2014, p. 305).

Em 2001, quando a Libras ainda não era oficialmente implantada no Brasil, os representantes surdos de todo o país se reuniram no “Seminário Nacional: “Surdos um Olhar sobre as Práticas em Educação” realizado em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. (DALL'ALBA; SARTURI, 2014, p. 2). Este momento foi de grande importância pois, o objetivo era enumerar uma lista de recomendações, tendo como principal recomendação e demanda a criação de um curso de graduação em LIBRAS voltado aos surdos. Esta instância representou um dos momentos de luta que persistiu por diferentes caminhos. A comunidade surda brasileira trilhou um longo caminho de luta e de conquistas. A primeira grande conquista da comunidade surda no Brasil é a oficialização da LIBRAS, por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), que oficializa a Libras em todo território nacional brasileiro e corresponde a um marco histórico que abre caminhos para a efetivação do primeiro curso Letras Libras implantado em 2006.

A concepção do primeiro Curso de Letras Libras surgiu em 2002, a partir do contato do Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, encabeçado pela professora Ronice M. de Quadros, o professor Vilmar Silva e representantes surdos da FENEIS. Em 2004, foi elaborado um projeto de criação do Curso de Letras Libras que tramitou institucionalmente pelas diferentes instancias da Educação e pelo centro de Letras. Foi em 2005 que a criação do curso foi aprovada em todas as instâncias da UFSC, e foi decidida a submissão de um projeto para o oferecimento desse curso na modalidade a distância, com o apoio do Ministério da Educação (QUADROS, 2014, p. 9).

Todo este processo deu lugar à criação do Curso Letras Libras a distância na UFSC, curso pioneiro na área, em Brasil e em América Latina. O primeiro curso Letras Libras Licenciatura foi oferecido pela UFSC focado à formação de professores de Libras. A criação da graduação ocorreu em parceria com outras instituições federais, estas instituições tiveram um papel importante na multiplicação de conhecimentos na área de Libras, promovendo a inclusão de surdos no ensino superior em diferentes partes do Brasil (QUADROS, 2014, p.231). O oferecimento do Letras Libras na modalidade a distância possibilitou ter um caráter multiplicador e a capacidade de abranger a formação de profissionais em vários estados do Brasil.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso superior Letras Libras atende assim os anseios históricos de participação de comunidade surda, que envolvem a questão da Língua Brasileira de Sinais e a inclusão de surdos no sistema de ensino superior. O curso de Licenciatura foi projetado e desenhado inicialmente para atender aos alunos surdos prioritariamente, era o foco da proposta de Licenciatura, a formação de surdos a nível superior para atuar como professores de Libras. Segundo Quadros (2014) a implementação teve como principal preocupação a organização da graduação com ênfase na perspectiva visual e na LIBRAS, oferecendo possibilidades práticas de atuação do professor. A primeira turma do Letras Libras de Licenciatura contou quase que exclusivamente com alunos surdos (em torno de 90% dos alunos). Este curso criado em 2006, inédito e oferecido na modalidade a distância, teve como foco formar profissionais com profundo conhecimento da cultura surda e da gramática da Língua de Sinais, além de outros elementos que constituem o cotidiano das comunidades surdas (QUADROS, 2014, p. 5).¹

¹ O momento histórico com a aprovação da Lei de Libras e o decreto nº 5.626/2005, também teve influência na criação dos cursos pois, é a partir deste decreto que fica instituída a obrigatoriedade da oferta da disciplina de Língua de Sinais nos currículos dos Cursos de Licenciatura e Fonoaudiologia. Mas, para que isto fosse possível

Na proposta da criação do curso de Letras com habilitação na Língua Brasileira de Sinais a distância, segundo Dall’Alba e Sarturi (2014, p. 4) “fica claro que a formação de profissionais da área da surdez apresenta repercussões sociais e políticas definitivas para a concretização da inclusão das pessoas surdas na sociedade brasileira”. Portanto, é observável na literatura que não se tinham antecedentes de cursos de graduação a nível superior na esfera pública.

Referindo-se ao currículo deste curso, Sarturi (2013, p. 49) afirma que o currículo do curso Letras tem um papel de destaque na ação de professores surdos, pois apresenta um repertório didático/metodológico/ teórico centrado nas experiências educacionais e centrado no uso da Língua de Sinais, em suas palavras: “esse currículo torna-se legitimado pela comunidade surda e por pesquisadores da área como um currículo que valoriza a língua, a cultura e a identidade surda.”. Dall’Alba e Sarturi (2014, p. 10) destacam a importância do curso como precursor e associado a uma das conquistas da comunidade surda brasileira reconhecendo o caráter pioneiro deste e como sendo um destaque da comunidade surda brasileira em suas bravas lutas históricas, políticas e culturais.

Em 2008, a UFSC (EaD) passa a ofertar o Curso Letras Libras na modalidade Licenciatura e Bacharelado. A Graduação em Letras Bacharelado em Língua Brasileira de Sinais a Distância (Bacharelado em Letras Libras EaD) ofertado pela UFSC foi o primeiro curso superior voltado à formação de intérpretes e tradutores. Um dos fatos que impulsionou a criação do Bacharelado foi uma ação judicial acionada por ouvintes contra a UFSC, alegando o direito a formação superior. A criação ao curso de Letras Libras Licenciatura e o ingresso dos alunos, em sua maioria surdos, foi motivo para que os ouvintes da comunidade de tradutores e intérpretes, que também desejavam formação específica para o trabalho, procurassem uma resposta da instituição, pois o edital de ingresso não priorizava o ingresso de ouvintes. (LINDEN, 2017, p. 62).

O intuito do processo seletivo refletido no edital de ingresso ia de acordo aos objetivos iniciais de criação do curso, instaurando o acesso à educação superior das pessoas surdas, e como uma maneira de resguardar os direitos de pessoas que historicamente foram prejudicadas neste aspecto. Porém as reivindicações dos ouvintes constituem-se legítimas perante a lei e necessárias perante o momento histórico vivido mesmo que polêmicas, por se tratar de uma demanda de igualdade de direito a um grupo que historicamente sofreu opressão em diferentes

era preciso formar os profissionais, professores de Libras surdos, recomendação e demanda que a comunidade surda e seus representantes já tinham levantado antes da criação da Lei de Libras.

espaços sociais e desigualdade no acesso aos espaços educativos. Perante este acontecimento, a UFSC responde a partir do curso Bacharelado:

Com esse processo a UFSC abre o curso de Letras-Libras Bacharelado, atendendo a demanda da formação dos tradutores e intérpretes, que contou em sua grande maioria com alunos ouvintes”. (QUADROS, 2014, p. 11).

Como vimos anteriormente para dar resposta ao ingresso dos ouvintes, e à formação de TILS, a UFSC (EaD) passa a ofertar a opção do bacharelado. Assim, a partir de 2008 os alunos passam a optar no início de sua inscrição no processo seletivo a formação em bacharel ou licenciado.

Segundo Quadros (2014, p. 19) a formação dos Intérpretes Libras-Português, na ocasião ofertada, foi ao encontro das necessidades formativas dos profissionais e em conformidade à legislação que prevê o oferecimento de cursos de formação de professores e de tradutores intérpretes de LIBRAS e Língua Portuguesa, sendo papel dos órgãos públicos implementá-los. Para Quadros (2004, p. 27) trata-se do “profissional que domina a Língua de Sinais e a língua falada do país e que é qualificado para desempenhar a função de intérprete”.

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em parceria com quatorze outras instituições brasileiras, que também serviram como polos de apoio presencial ao curso, tornou-se a referência da formação acadêmica de intérpretes e de tradutores de Libras-Português no país. No ano de 2012, o Bacharelado em Letras Libras EaD formou trezentos e doze intérpretes e tradutores de Libras-Português nos quinze polos de apoio presencial ao curso (QUADROS; 2015, p. 10).

Rodriguez (2018, p. 199), destaca este curso como sendo o primeiro curso que de fato que forma Tradutores-Intérpretes intermodais de Libras-Português, ou seja, aqueles profissionais que atuam entre duas línguas de modalidades diferentes, uma gesto-visual e outra vocal-auditiva. Apesar de que a partir da década de 1980 se identifica a existência de cursos voltados à capacitação de intérpretes de Língua de Sinais, que eram promovidos por escolas, instituições, secretarias de educação, igrejas e associações de surdos dentre outra., estes eram realizados basicamente por meio de cursos livres centrados no desenvolvimento prático da interpretação de/para a Língua de Sinais. Poucos foram os cursos livres que deram destaque à conscientização e à reflexão sobre o processo interpretativo e com uma visão de formação de intérprete bimodal.

Para Rodriguez (2018, p.199), a formação de intérpretes e tradutores de Libras no ensino superior brasileiro é recente, iniciando-se no início do século XXI. O autor associa este fato a

3 fatores sociais e históricos. São estes: reconhecimento tardio da língua, tanto pela academia quanto pelo governo brasileiro; a visão histórica de que o tradutor e o intérprete de Libras tem papel de caridade e sem necessidade de formação superior; e a ideia de que não é preciso nenhuma competência específica para interpretar pois, só a fluência da Libras é suficiente.

O curso Letras Libras Bacharelado oferecido pela UFSC representa um novo cenário para a formação de intérpretes e tradutores de Libras a partir da formação a nível de graduação. Por sua vez, fomentou o acesso a Pós-Graduação, o desenvolvimento de pesquisas na área de Libras e de Estudos da Interpretação e tradução, apreciando-se uma expansão significativa de trabalhos na área e dando mais visibilidade à profissão de TILS e, por conseguinte, aos direitos linguísticos da comunidade surda.

O curso Letras Libras Bacharelado Presencial, ofertado na UFSC como o conhecemos hoje, é regido pelo Projeto Pedagógico e Político dos cursos presenciais UFSC 2012. O PPP dos cursos Licenciatura e Bacharelado apresenta-se em um mesmo documento onde encontramos as especificações correspondentes a cada opção formativa.

Inicialmente as turmas 2006 e 2008 em formato EaD foram possíveis através do investimento do Governo Federal em forma de projeto subsidiado pelo Reuni – programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. A partir do impacto e da importância, e percebendo-se a demanda do Letras Libras EaD, projeta-se a oferta do curso de Letras-Libras Licenciatura e Bacharelado agora na modalidade presencial de modo permanente. Inicia-se assim a partir do segundo semestre de 2009 a primeira turma do curso bacharelado presencial e a segunda turma em 2010, oferecendo-se um total de 40 vagas. Podemos afirmar que UFSC foi a primeira Universidade Federal Brasileira a oferecer o curso de Letras Libras Bacharelado na modalidade Presencial (LINDEN, 2014, p. 9).

A proposta do curso presencial foi de caráter regular, passando a ser parte da estrutura orçamentaria da UFSC de forma permanente, isto é, abrindo turmas regulares. Para ingresso no curso as provas do processo seletivo se regiram, naquela primeira oferta, pelos mesmos critérios que o curso EaD. A prova era realizada em Libras e avaliava os conhecimentos relacionados à fluência da Libras e os conhecimentos gerais do candidato. O início do curso presencial se efetiva tendo como base e referência o curso EaD, e foi projetado em Libras e inicialmente para alunos surdos fluentes na língua. Este aspecto trouxe alguns conflitos em relação à dinâmica e desenvolvimento das aulas nas turmas 2009-2010 nos cursos presenciais, conforme relatado por LINDEN (2017, p. 14). A realidade mostrava que o perfil dos alunos que ingressavam no Letras Libras presencial era outro. Enquanto no EaD os alunos eram potencialmente fluentes em Libras e a maioria já se desenvolviam profissionalmente na área como instrutores, uma

quantidade significativa de alunos do curso presencial não tinham contato com a Língua. Desta forma, no andamento do curso, dadas as características pedagógicas e curriculares se percebem diferentes situações problemáticas em relação ao desenvolvimento das aulas e o no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, perante esta situação de mudança de perfil de alunos, o Núcleo de Desenvolvimento Estruturante (NDE) iniciou a reestruturação do currículo e da proposta pedagógica do curso de Letras-Libras, ponderando a mudança no perfil dos alunos ingressantes no curso de Letras-Libras presencial da UFSC e procurando atender as novas demandas. (LINDEN, 2017, p. 67). Para fundamentar as modificações efetuadas estabelece-se como principal fator as mudanças no perfil do alunado ingressante ao curso presencial em relação ao curso EaD.

Pode-se observar também com outros pesquisadores, como Martins e Nascimento (2015), que demonstram em sua pesquisa que existe uma mudança no perfil de ingresso dos alunos de graduação para a formação de tradutores e intérpretes de Libras. Antes a procura por formação profissional universitária ocorria devido o contato e/ou experiência com a área e a necessidade de profissionalização, e atualmente as pessoas que não têm contato com a Língua de Sinais procuram profissionalização, com o objetivo de adquirir conhecimentos na área e aceder a uma profissão que está em alta. Isto decorre da visibilidade alcançada pela luta da comunidade surda e do trabalho dos TILS pela difusão de sua língua e pelo reconhecimento de seus direitos linguísticos.

As modificações curriculares instauradas se refletem, principalmente, na necessidade de inclusão de disciplina de Libras e Português que busca atender a formação para o novo perfil do alunado. Também há uma variação na duração do curso, que inicialmente para os Bacharéis era de oito semestres igual que na Licenciatura e passa a se constituir de *nove* semestres.

Ao comparar os dois currículos outra diferença encontrada e que nos interessa sobremaneira se dá em relação aos estágios. A disciplina Estágio em Interpretação não figura como parte do currículo 2009 dos cursos de Letras Libras Bacharelado separada do estágio em Tradução. Verifica-se em seu lugar a presença de uma disciplina que abarca o Estágio em Tradução e Interpretação, denominada Estágio em Tradução entre LIBRAS e Língua Portuguesa, e que é oferecida na oitava fase.

Entende-se assim que a disciplina objeto de pesquisa neste trabalho não foi oferecida para as primeiras turmas 2009 e 2010 no mesmo formato que se dá hoje. Atualmente o curso conta com duas disciplinas de Estágio, as duas encontram-se na nona fase do curso: Estágio em Interpretação, com uma carga horária de 180 horas (que é o foco deste trabalho), e o Estágio

em Tradução, com 90 horas, a qual não é abordada na pesquisa. De um modo geral, os cursos de Licenciatura e de Bacharelado do currículo 2012 tem um núcleo em comum, e somente se diferenciam em algumas disciplinas a partir da terceira fase, focando mais especificamente nos aspectos relativos à docência, interpretação e tradução, respectivamente.

Tanto Licenciatura quanto Bacharelado são uma grande referência histórica para a formação de docentes surdos e de intérpretes. A sua criação representou uma das várias conquistas das comunidades surdas de todo o Brasil para a valorização das identidades e culturas surdas e para a formação de TILS (RODRIGUEZ, 2019).

2.2 O estágio e seus papéis na formação superior

O estágio, sabemos, está muito associado à formação nos cursos de licenciatura, portanto tem um olhar para a atuação docente. No início deste trabalho, e nos primeiros passos do levantamento bibliográfico, encontramos dificuldade em situar autores que abordem o tema estágio fora do escopo da licenciatura. Especificamente em trabalhos científicos sobre estágios supervisionados no campo da Libras se relacionam à discussão de cursos Letras-Libras *Licenciatura*. Perante a dificuldade de embasamento teórico especificamente sobre o conceito de estágio para estudantes intérpretes, toma-se como base para este trabalho autores como Pimenta e Lima (2006; 2010) e de Tardif (2002) pois neles encontramos aspectos importantes que clarificam e argumentam a importância deste momento para a formação profissional, ainda que temos em mente que o foco de trabalho destas pesquisadoras é situado na área da educação, especificamente na formação docente.

Se por um lado a formação e atuação de intérpretes nas universidades abrange a área da educação, sabemos que a educação não será a sua única área de atuação profissional. Neste sentido, Rodrigues (2018), ao analisar os perfis dos cursos de formação de intérpretes Libras-Português nas instituições federais do Brasil conclui que estes tendem a oferecer uma formação generalista, que abarca diversas funções e contextos de atuação, deixando a formação mais especializada para as pós-graduações de caráter mais específico e profissionalizante.

No tocante as concepções de estágio, vale abordar algumas pontuações elaboradas por Pimenta e Lima (2006) ao longo do tempo. O estágio foi historicamente relacionado à parte prática dos cursos de formação de profissionais em geral, em contraposição à teoria e o conceito de estágio apresentado pelas autoras concebe a indissociabilidade da teoria e da prática, contrário à concepção tradicional em que o estágio era relacionado à parte prática da profissão. Somado a ideia, acrescenta-se o caráter epistemológico do campo de estágio que possibilita

visualizar este como campo de conhecimento. Pimenta e Lima (2006, p. 6) entendem que o estágio:

Se constitui como campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento o estágio se produz na interação dos cursos de formação com os campos sociais no qual se desenvolvem como práticas educativas. Nesse sentido, o estágio poderá se constituir em atividade de pesquisa.

Como vimos anteriormente, apresenta-se neste conceito de estágio um momento de aproximação da realidade e da atividade teórica distanciando-se de uma visão meramente técnica. O estágio não se limita a um momento exclusivo de prática instrumental de um curso marcado pela dicotomia teoria e prática. Os conceitos de prática e de teoria e a superação da fragmentação entre elas, são fundamentadas pelas autoras a partir da apropriação do conceito de *práxis*. Este conceito, segundo as autoras, aponta para o desenvolvimento do estágio como uma *atitude investigativa*, que envolve a reflexão e a intervenção no contexto em que se atua.

Desse modo, esta instância é vista como um componente curricular com um campo de conhecimento próprio propício como campo investigativo, dando a este a caracterização de atividade de pesquisas, onde há uma reflexão e uma intervenção por parte do sujeito no meio que se atua. Sua finalidade é colaborar no processo de formação brindando uma oportunidade de compreensão e análise dos espaços de atuação, a partir de uma inserção profissional crítica. Esta visão de estágio indica para a formação de um profissional pensante, situado em um determinado espaço e tempo histórico que precisa reparar no caráter coletivo e social de sua profissão (LIMA, 2001 *apud* PIMENTA e LIMA, 2010 p. 47).

Seguindo nesta linha, da percepção do caráter social da profissão e acrescentando o caráter reflexivo do profissional, Tardif (2002) apresenta os diversos saberes profissionais. Estes saberes são um conjunto de saberes conectados, composto pelos saberes individuais e os saberes sociais, o autor dá destaque à importância dos saberes experienciais. Estes saberes, presentes em profissões da área de ciências humanas, não se encontram sistematizados em doutrinas ou teorias, eles são saberes práticos que se integram à prática e a constituem, e são capazes de formar um conjunto de representações a partir das quais os profissionais interpretam, compreendem e orientam sua profissão. Tardif (2002) não dissocia estes saberes da teoria aprendida em instituições acadêmicas, mas, destaca que os saberes práticos requerem múltiplas interações dentro de um contexto social específico e complexo, representando condicionantes

diversas para a atuação dos profissionais e para a movimentação dos distintos saberes. Consequentemente, relevante no universo profissional onde se desempenha a função.

Os profissionais intérpretes enfrentam situações diferentes a outras profissões, como explica Tardif, às enfrentadas por exemplo por cientistas, ou tecnólogos, que trabalham a partir de modelos e, por conseguinte, seus condicionantes resultam da aplicação ou da elaboração desses modelos. Porém, como menciona Rodriguez (2018b, p. 308) os profissionais que atuam com interpretação também requerem de *habilidades e competências* específicas, que atendam aspectos físico-motores e cognitivos específicos do ato interpretativo. Rodriguez a partir da concepção de diferentes autores define competência tradutória como:

Um saber-agir especializado e complexo que integra de forma efetiva conhecimentos, capacidades, habilidades, atitudes e valores. E, por sua vez, compreende a mobilização e aplicação adequada, por parte do tradutor/intérprete, de recursos internos (cognitivos, afetivos, sociais, motores) e externos (físicos, tecnológicos, humanos, temporais) às tarefas específicas de tradução que demandam solução de problemas e tomadas de decisão por meio de um desempenho profissional contextualizado, intencional, situado e satisfatório. RODRIGUEZ, 2018b, p. 292).

Kiraly (2016) discorre sobre uma pedagogia colaborativa, situada e orientada à prática de tradução, que nesse estudo as tomamos e as aproximamos à prática de interpretação. O autor defende a epistemologia pós-positivista para promover a formação do tradutor baseada na ideia de Risku (2013), destacando o papel fundamental que o ambiente social cumpre pois a “a mente é apenas uma parte da história”. Segundo Kiraly (2016, p. 240), precisamos descobrir não somente o que acontece na mente do tradutor, mas também o que acontece em outros lugares, por exemplo em suas mãos e seus computadores, em suas mesas, em suas línguas e em seus diálogos”. Assim, a interpretação além de implicar aspectos cognitivos particulares, é constituída por sistemas complexos como as pessoas, os ambientes sociais e físicos específicos, e todos os seus artefatos culturais.

Profissionais das áreas humanas que desenvolvem suas atividades em interação com outras pessoas, onde predomina o elemento humano com seus símbolos, valores, sentimentos, atitudes, que são passíveis de interpretação e decisão, se encontram inseridos em contextos sociais complexos que precisam de respostas rápidas e não fechadas. Por sua vez, o meio em que se desenvolve o labor é um meio social com suas peculiaridades, e constituído por relações sociais diversas, com normas próprias e com códigos éticos que precisam ser respeitados e interiorizados. Quer dizer, aspectos como relações sociais no espaço de trabalho, normas, comunicação com os envolvidos, aspectos éticos, compõem elementos constitutivos da

profissão, e portanto da prática, e requerem a utilização de diversas estratégias para possíveis soluções eficientes, baseadas nas interações e realidades sociais que acontecem em situações reais (KIRALY, 2016).

A essa altura da discussão, vale resgatar a visão de estágio de Pimenta e Lima (2010), ainda que esteja alinhado à formação docente, para articularmos com o estágio em interpretação. Para as autoras “o estágio não se faz por si. Envolve todas as disciplinas do curso de formação” constituindo um verdadeiro e articulado projeto político pedagógico na formação (PIMENTA e LIMA, 2010, p. 6). Além disso, defendem que este poderá ocorrer, desde o início do curso, possibilitando que a relação entre os saberes teóricos e os saberes das práticas ocorra durante todo o percurso da formação. Vivenciar o estágio pode ter um caráter decisivo na escolha da profissão por parte do estudante, a partir do contato com a realidade de trabalho desta.

Se faz necessário enfrentar questões, ou seja, entendemos que os saberes da prática de interpretação se produzem em diversos espaços, e que se posicionar como intérprete de Libras Português implica também se entender como profissional que poderá atuar em diversos contextos e realidades (GESSER, 2013). Essas realidades são diversas e são abordadas durante o curso através de diferentes disciplinas e dos saberes teóricos inscritas no currículo, como nas Práticas como Componente Curricular (PPCs) e/ou nos Laboratórios de Interpretação. Mas o contato com a interpretação em atividades reais dentro do curso em questão é tão abrangente ao ponto de permitir visualizar os diferentes contextos de interpretação e sua complexidade? O confronto com as diversas realidades da profissão de intérprete durante o processo de formação pode aportar ferramentas para a construção da identidade profissional dos futuros TILS, possibilitando dentre outras coisas se identificar mais com um determinado contexto de atuação ou com outro.

Lacerda (2010, p.147) descreve o espaço que o tradutor / intérprete atua como um terreno “pantanosos e plural”, isto é, permeado por interações sociais diversificadas. É neste terreno que o intérprete, no ato tradutório, tem a missão de escolher sentidos que lhe pareçam os mais efetivos ou promissores para serem transpostos para outra língua. Assim, segundo a autora, a posição de um intérprete está longe de ser neutra. Ocupa o espaço de um interlocutor que precisa frequentemente fazer escolhas, eleger sentidos dos quais se apropria para depois transmitir. Neste sentido a função de interpretar não se restringe a um trabalho linguístico. No ato tradutório há presente um interlocutor imerso em um contexto social econômico e político que permeia seus atos, suas escolhas e portanto suas interpretações. Os campos culturais e

sociais precisam ser considerados quando se pretende compreender um enunciado, seu funcionamento e os diferentes usos da linguagem nas interações.

Tardif (2002) descreve os diferentes saberes adquiridos em uma profissão, articulados entre aspectos individuais e aspectos sociais, destaca os saberes experienciais, sobre os saberes disciplinares, curriculares, e de formação profissional. Os profissionais desenvolvem os saberes

no exercício cotidiano de sua função, os condicionantes aparecem relacionados a situações concretas que não são passíveis de definições acabadas e que exigem improvisação e habilidade pessoal, bem como a capacidade de enfrentar situações mais ou menos transitórias e variáveis. (TARDIF, 2002, p. 49).

Desta maneira podemos relacionar esta realidade com a encontrada na realidade da profissão do intérprete, destacando-se a importância que detém o estágio na sua formação. Visto como uma instância passível de propiciar situações concretas, que permitem ao estagiário em interpretação desenvolver habilidades pessoais e sociais necessárias à sua profissão, assim como enfrentar e refletir diferentes situações interpretativas que possam ocorrer em contextos sociais específicos e encontradas em sua futura atuação (GESSER, 2013).

A realidade em que desenvolvem o fazer interpretativo é imprevisível por momentos, e escapa a resoluções preestabelecidas ou modelos e soluções dadas. É na prática que se desenvolvem saberes e experiências próprias da profissão, os saberes experienciais não fragmentam os saberes adquiridos em momentos de formação profissional, saberes curriculares, saberes disciplinares, estes são incorporados e adaptados à prática, pois constituem construções sociais e interação com a comunidade em que se está em contato.

Comumente se vê colegas de aula compartilhando histórias desafiadoras que enfrentaram em seu trabalho ou em espaços de estágios como intérpretes de Libras, situações desafiadoras e singulares que não eram as esperadas, onde só a teoria não lhes dá respostas, às que se buscam estratégias para enfrentá-las, se realizam escolhas tradutórias e/ou atitudinais que acreditam no momento ser as mais eficazes, e das quais se tiram aprendizados. Compartilhar, escutar e viver tais histórias, parece estar relacionado com o aprender com a própria experiência ou em certa forma com a experiência do outro no compartilhamento. Dar visibilidade a estes saberes é fundamental, e com este objetivo Tardif (2002) introduz o conceito de Epistemologia da prática:

Chamamos de epistemologia da prática profissional o estudo do conjunto dos saberes utilizados realmente pelos profissionais em seu espaço de trabalho cotidiano para desempenhar todas as suas tarefas. Damos aqui à noção de “saber” um sentido amplo, que engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades (ou aptidões) e as atitudes. (TARDIF, 2000, p. 11).

O conceito de uma epistemologia da prática profissional tem como finalidade mostrar como os diversos saberes experienciais são incorporados, produzidos, aplicados nas tarefas concretas inerentes a sua profissão. Procura-se compreender a natureza desses saberes e o papel que estes desempenham na formação de identidade profissional.

Os saberes experiências são de grande importância pois são o conjunto de saberes adquiridos, atualizados e necessários no âmbito da prática, e surgem da experiência. São aqueles que se manifestam a partir desta e por esta são validados. Para Tardif (2002, p. 50) desenvolver o “saber fazer” e o “saber ser” são parte da formação e ajudam a lidar com certas condicionantes que não poderão ser enfrentadas através de fórmulas pedagógicas, mas sim podem ser adquiridas na prática.

Significa em certa forma ir pondo em prática a teoria e vice-versa no ir andando, no ir se descobrindo e descobrindo o ambiente em que se desempenha a função. Conhecer a realidade da profissão é ter mais ferramentas para dar respostas á aquelas situações que não possuem respostas prontas nem fechadas, que podem se construir a partir da experiência e a partir da reflexão. O saber fazer está mais intimamente relacionado com os saberes práticos onde se movimentam e se resgatam os saberes disciplinares e curriculares, sociais e individuais e também entrelaçado o com o saber ser, a postura ética de um profissional, no como agir eticamente, emocionalmente, em diferentes situações.

Albres (2022, p. 4), ao se referir ao estágio supervisionado, destaca a importância que este detém, considerando-o uma atividade importante para a vida profissional dos futuros bacharéis, pois possibilita o conhecimento dos espaços/locais de trabalho, sendo um espaço que oportuniza a prática das diversas competências adquiridas em contextos reais. E também proporciona vivência e pesquisa, formando um profissional reflexivo. Portanto, visualiza-se neste conceito a necessidade de integração de diferentes conhecimentos adquiridos no decorrer do curso, aprimoramento destes conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades e estratégias profissionais em situações reais, ou seja, brinda a articulação dos diferentes saberes profissionais.

Por fim, vale destacar que o Estágio no Brasil está regulamentado pela Lei nº 11.788/2008 (BRASIL, 2018), que reconhece a existência de apenas duas modalidades de estágio: a obrigatória e a não-obrigatória. A modalidade de estágio obrigatória é requisito para aprovação e obtenção do diploma nas diferentes profissões; enquanto a segunda é desenvolvida como atividade opcional e acrescida à carga horária regular e obrigatória. O estágio, em ambas as hipóteses, deve fazer parte do projeto pedagógico do curso e integrar o itinerário

formativo/currículo do estudante. Perante a Lei do Estágio, a regularidade da matrícula e frequência regular está sujeita à existência do Termo de Compromisso de Estágio (TCE). Os cursos de Letras Bacharelado das diversas área de formação não têm em suas normativas a obrigatoriedade do estágio profissional como é no caso dos cursos de Letras que habilitam para Licenciaturas. Porém, nos cursos de Letras Libras Bacharelado, a grade curricular articulada a partir do PPP, prevê o mesmo princípio que nos cursos de licenciatura, constando no projeto pedagógico sua obrigatoriedade para composição da carga horária (UFSC, 2013).

2.3 O estágio em interpretação em Libras-Português

O regulamento de estágios do curso de bacharelado em Letras Libras na modalidade presencial da UFSC (UFSC, 2013, p. 3), no artigo 1, define o estágio como: *períodos de exercício pré-profissional, com atividades programadas, orientadas e avaliáveis em notas (estas apenas nas disciplinas) e horas necessárias para a integralização curricular, as quais proporcionam ao aluno, oficialmente cadastrado na Coordenadoria do Curso, a aprendizagem social, técnica, profissional ou cultural, através de sua participação em trabalhos relacionados com a formação acadêmico profissional do Bacharel em Letras Libras.*

O estágio pretende brindar aos discentes um momento anterior à prática profissional, ou seja, promover uma aproximação à realidade da futura profissão, mas que difere no sentido de ser uma experiência guiada, e diferente das atividades profissionais reais, o aluno terá atividades programadas e orientadas que proporcionam a este a aprendizagem integral, abarcando os aspectos sociais, técnicos e culturais. O artigo 6º, do capítulo IV do documento (UFSC, 2013 p. 4) define os objetivos do estágio como:

Art. 6º - O Estágio Curricular do Curso de Bacharelado em Letras-Libras tem por objetivo formar tradutores/intérpretes de Libras/Português para atuar na tradução e/ou interpretação de Libras seguindo princípios éticos inerentes ao exercício da profissão, demonstrando competência linguística, referencial e teórica para desempenhar a função de forma apropriada.

Entende-se claramente como objetivo geral no documento formar tradutores/intérpretes de Libras-Português do curso de bacharelado em Letras-Libras para atuarem na tradução e/ou interpretação de Libras, Mas o aspecto importante a destacar é a do perfil de profissional que se pretende formar, destacando aspectos éticos necessários para o exercício da profissão e um profissional que demonstre diferentes tipos de competências: competência linguística, referencial e teórica para desempenhar a função de forma apropriada.

Rodriguez (2018b) baseando-se em modelos de competência procura uma aproximação e reflexão sobre as competências necessárias específicas para tradutores interpretes de línguas de sinais, ou seja, profissionais que atuam entre as línguas de modalidade diferentes conceituadas pelo autor como uma tradução/ interpretação “intermodal”. Visualiza-se as particularidades das Língua de Sinais e como a modalidade visuo-espacial da língua influencia o processo tradutório, e portanto, as competências necessárias aos TILS.

Ao falar de competência tradutória em geral, Rodriguez (2018b, p. 288) destaca que diversos autores aludem sobre a complexidade, singularidade do processo tradutório, que é marcado por aspectos contextuais diversos dentre eles: o perfil profissional, o assunto a ser traduzido, e a direcionalidade da interpretação/tradução. Por sua vez a interação entre sub competências é variável e depende da direcionalidade, da combinação linguística, a especialidade, a proximidade entre as línguas, a modalidade, o grau de experiência do intérprete/ tradutor e o contexto situacional dentre outros. Torna-se necessário então refletir sobre as variáveis que são capazes de interferir na competência requerida segundo o contexto situacional de uma determinada tradução /interpretação.

A competência “é constituída de diferentes componentes ou sub-competências, que devem ser adequadamente articuladas para que o desempenho expert possa se manifestar” (GONÇALVES, 2008, p. 124, apud RODRIGUES, 2018b, p. 288). Considerando a especificidade linguística da Libras, a interação entre as sub-competências que entram em jogo no ato interpretativo merece uma atenção especial pois se difere em certos pontos daquela requerida para uma interpretação entre duas línguas orais auditivas.

No caso específico do intérprete Libras-Português se faz necessário refletir sobre as competências requeridas especificamente por estes profissionais que atuam entre uma língua vocal auditiva (escrita ou falada) e outra gestual-visual (escrita ou sinalizada). Sobre esta interferência Rodriguez (2018b) especifica que as características inerentes às Língua de Sinais requerem um modelo específico de competência intermodal que responda ao impacto da modalidade da língua:

que considerem as habilidades corporais motoras de codificação integrada de propriedades gestuais e espaciais e, também, às habilidades visuais de interpretação do conjunto de informações e espacialmente codificadas, as quais se vinculam a uma determinada capacidade corporal cinestésica diretamente ligada à competência linguística e à competência comunicativa (RODRIGUEZ, 2018b, p. 311).

Outro aspecto relevante é em relação ao distanciamento entre as línguas, pois as línguas vocais-auditivas não se valem das propriedades gestuais, espaciais e visuais das línguas de

sinais. Uma das dificuldades encontradas no processo de transposição da língua oral para a Língua de Sinais, e vice-versa, refere à forma como é utilizado o espaço de sinalização, os movimentos com as mãos e com o corpo e como é efetuada essa transposição. Os mecanismos físico-motores e cognitivos ativados quando intérprete de Língua de Sinais está envolvido no processo de interpretação requer competências específicas e a serem estudadas, pois os estudos sobre tradução e interpretação entre línguas orais não aborda em sua totalidade as especificidades desta língua. O corpo envolvido no ato tradutório/ interpretativo detém uma relação com a consciência cinestésica que demanda habilidades específicas. (RODRIGUEZ, 2018b, p. 308).

Devido a característica própria da Língua de Sinais em relação à sua modalidade gestual-visual, como vimos, o corpo do tradutor/intérprete intermodal constitui-se como língua na sinalização. Expressão facial, movimentos das mãos e do corpo, uso do espaço compõem a língua. Estes componentes requerem do tradutor intérprete habilidades singulares para lidar com o processo comunicativo e interpretativo. Por outro lado, o intérprete de Língua de Sinais tem uma exposição visual que não ocorre em interpretação entre línguas orais. Existe na interpretação para Língua de Sinais uma indissociabilidade do tradutor/intérprete e do seu texto alvo. A associação da interpretação à imagem pessoal do intérprete adquire um caráter de personificação, pois a Língua de Sinais está constituída pelo corpo em movimento do intérprete, que exige visibilidade diante do público. Isto acarreta habilidades específicas por parte dos TILS que têm que lidar com a exposição da sua imagem como parte constitutiva do seu labor. (RODRIGUEZ, 2018b).

A modalidade da Língua de Sinais tem efeitos sobre a tradução/ interpretação no processo tradutório e interpretativo, mas não é o único fator que tem impactos sobre este proceder do intérprete. O autor destaca os aspectos sociais, culturais e históricos que caracterizam e definem as comunidades surdas como minorias linguísticas e culturais e como este marcam esse processo entre duas línguas. Podemos entender que estes fatores estão presentes no ato tradutório entre a Língua de Sinais como língua minoritária e as línguas orais dominantes. Os intérpretes e os tradutores de línguas de sinais têm sido responsáveis e tem um papel importante, na mediação entre duas línguas. Por um lado, possibilita que informações e conhecimentos cheguem às comunidades surdas, e por outro, da visibilidade aos saberes produzidos por essas comunidades ao centro do debate atual:

Nesse sentido, as comunidades surdas têm se tornado protagonistas e, inclusive, influenciado os modos de se compreender e de se pensar a tradução e a interpretação, bem como de se definir o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes necessários aos tradutores e aos

intérpretes de línguas de sinais. (RODRIGUEZ, 2018b, p. 306).

Considerando que a interpretação/tradução para a Língua de Sinais envolve o registro em vídeo e/ou a exposição do corpo do tradutor como língua, Rodriguez (2018b) destaca a importância de se pensar diversos aspectos que possam envolver competências específicas. Propõe pensar sobre a performance corporal-visual requerida do tradutor/ intérprete durante a realização da tradução/interpretação para Língua de Sinais; sobre a possibilidade da sobreposição de línguas durante o processo tradutório/interpretativo intermodal e em como superar este desafio: sobre a indissociabilidade do corpo do intérprete com o texto alvo e sobre o papel intercultural que o a profissão TILS detém.

Ao falar de competências, apresenta-se a aprendizagem distanciada de uma concepção de aprendizagem mecânica, técnica, fora do contexto social. Para poder usar uma competência adquirida esta precisa ter sentido tanto na própria competência quanto seus componentes procedimentais, atitudinais e conceituais:

Um currículo com base em competências representa a formação em aprendizagens que têm como característica fundamental a capacidade de serem aplicadas em contextos reais. O essencial das competências é seu caráter funcional diante de qualquer situação nova ou conhecida (ZABALA e ARNAU, 2010, p. 12).

Uma das características fundamentais segundo Zabala e Arnau (2010, p.13) sobre as competências é a capacidade para agir em contextos e situações novas, porém esta característica enfrente um dilema. Si tomamos em consideração que as situações e os contextos podem ser inúmeros como poderiam então se ensinar essas competências. Portanto ensinar competências

implica utilizar formas de ensino consistentes para responder a situações, conflitos e problemas relacionados à vida real, e um complexo processo de construção pessoal que utilize exercícios de progressiva dificuldade e ajuda eventual, respeitando as características de cada aluno” (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 13).

O entendimento da competência de Zabala e Arnau, em que se articulam aspectos individuais e aspectos sociais, vai acorde ao movimento de articulação de saberes cotidianos de Tardif (2002). Os saberes para Tardif são representações que configuram tanto aspectos individuais como sociais. Estes saberes se integram na prática e formam um conjunto de representações, a partir das quais os indivíduos orientam sua profissão. As representações que regem a prática profissional de um ILS se constroem a partir de percepções individuais, mas também das relações sociais em que se desenvolve como tal, imerso em um espaço social, geográfico e histórico específico e portanto permeado por este no cotidiano da sua profissão.

Vimos que o estágio visa proporcionar vivências reais da profissão, para isto se dispõe a oportunizar momentos de observação, análise e reflexão de forma integrada dos conhecimentos adquiridos no curso como um todo, não isoladamente no estágio. Toda a formação do aluno se adentra nos estudos na área de Interpretação, focados nos estudos da Língua de Sinais com seu par linguístico Língua Portuguesa, bem como nos componentes culturais que a compõe. Entende-se que o objetivo do estágio é que os futuros profissionais desenvolvam de forma integrada o processo formativo e tenham a oportunidade de vivenciar situações reais de interpretação (GESSER, 2013).

Com essas premissas em mente, o estágio visa proporcionar ao discente espaço e tempo que possibilitem a vivência de situações reais da vida profissional que lhe permitam, sobretudo, a integração dos conhecimentos teórico-práticos, aliados à experiência pessoal pelo processo contínuo de ação-reflexão-ação. Assim como proporcionar uma visão global da instituição (pública ou privada) e a possibilidade de rever posições teóricas quanto à prática profissional.

Os estudantes que hoje passam pelo curso Letra-Libras e provavelmente se desenvolvam como TILS, construirão sua identidade profissional desde uma perspectiva histórica social diferente a daqueles profissionais que foram desenvolvendo a profissão quando ainda não se reconhecia a profissão como tal e não se acedia a uma formação de nível superior. Os currículos de ensino superior na formação dos TILS refletem uma realidade social específica e os estudantes não escapam à influência destes diversos aspectos. A proposta de estágio que é oferecida aos alunos fará parte da sua formação e terá impactos na forma como os alunos entendam a sua profissão no futuro.

O fato de atualmente a formação dos ILS estar sendo ofertada a nível superior abre espaços para que as representações feitas pelos alunos, ao longo do curso, sejam evidenciadas e analisadas desde uma perspectiva de construção do saber em contínuo processo, que começa nos primeiros dias de ingresso à graduação até a etapa final do curso. Somente a prática não garante uma formação completa, entretanto, é na prática que o estudante tem noções, mesmo que básicas, sobre a realidade de sua profissão.

Segundo Lobato; Bentes (2002, p. 422) o Estágio Supervisionado é entendido como acontecimento inconcluso pois é um acontecimento da vida, permeado de enunciados e reflexões sobre o “aqui” e o “agora”, e sobre o “antes” e o “depois”. Por envolver presente, passado e futuro, percebe-se que esse acontecimento não tem um fim em si mesmo. Entende-se assim, que a prática do Estágio Supervisionado não se conclui no espaço tempo aqui e agora, nem no antes, nem no depois. De acordo com Geraldini (2015, *apud*, LOBATO; BENTES, 2020 p. 422) no processo de formação inicial somos formados para uma profissão, mas esse fato

isolado apenas nos forma, não nos torna profissionais. O estágio, desde esta perspectiva, outorga subsídios que podem modelar a identidade profissional, aquela que o indivíduo pretende alcançar a partir de uma busca individual e social.

O estágio não é considerado um momento só de prática, mas sim de prática aliada à teoria e vice-versa. Então nos deparamos com o conceito de ação-reflexão-ação. Este conceito acrescenta à prática o conceito de *profissional reflexivo* – muito articulado no campo da Educação. Schön (2000) fundamenta sua teoria a partir do pensamento de John Dewey que entende que não pode se ensinar ao indivíduo aquilo que ele precisa saber por si mesmo, porém pode se instruir, guiar:

ele tem que enxergar, por si próprio e à sua maneira, as relações entre meios e métodos empregados e resultados atingidos. Ninguém mais pode ver por ele, e ele não poderá ver apenas ‘falando-se’ a ele, mesmo que o falar correto possa guiar seu olhar e ajudá-lo a ver o que ele precisa ver” (DEWEY, *apud* SCHÖN, 2000, p. 25).

Schön defende que o desenvolvimento de uma prática reflexiva deve estar embasado em três tópicos, a saber: *o conhecimento na ação; a reflexão na ação; a reflexão sobre a ação*. A reflexão ocorre nas situações do dia a dia e é sobre estas que se reflete, desvelando e evidenciando aspectos ocultos da realidade e criando novos marcos de referência, com novas formas e com diferentes perspectivas de percepção e ação. Neste sentido, o profissional reflexivo vá além de se apropriar do conceito de reflexão, implica uma atitude, uma forma de se posicionar como profissional.

Não há dúvidas sobre a importância de formarmos profissionais reflexivos, porém a questão, é reflexivo perante o quê? Em meio a um mundo cada vez mais globalizado, desigual e exigente em relação às demandas do que se espera de um profissional, é um termo que tem se estabelecido como parte da formação a nível superior, mas que muitas vezes pode estar carente de sentido. Na profissão de ILS este aspecto requer principal atenção, pois o ILS está submerso em um contexto onde as relações de poder estão mais evidenciadas que em outros contextos. Desenvolver a função de ILS implica estar mediando entre duas línguas, uma língua oral de uma cultura predominante e uma língua viso-espacial de um grupo minoritário na sociedade que constantemente tem que lutar para que seus direitos linguísticos sejam respeitados.

Para evitarmos cairmos em modismos, importante apontar o que dizem Pimenta e Lima (2010, p. 48-49): ou seja, a expressão “profissional reflexivo” de Schön tomou conta do cenário como forma de adjetivo, ou seja confundindo a reflexão na forma de adjetivo e como característica atribuída ao próprio ser humano, como forma de explicar o trabalho em si. O conceito de Schön era acionado para toda profissão e buscava a ruptura com os currículos

normativos. A partir da observação da prática profissional, e tendo como base os estudos de Dewey, os aportes de Schön vão no sentido de quebrar com os currículos normativos que apresentam a ciência, depois sua aplicação e por último o estágio, que supõe a aplicação pelos alunos dos conhecimentos técnicos profissionais. Uma crítica a estes modelos de currículo é que não atendem todas as demandas que um profissional recém-formado precisa para dar respostas às diversas situações que surgem no dia a dia da profissão. As situações cotidianas ultrapassam os conhecimentos científicos, e as respostas técnicas que a ciência poderia oferecer ainda não foram formuladas pois ciência, técnica e prática encontram-se fragmentadas nestes modelos.

Durante o processo de formação os alunos vão adquirindo diversas *competências e habilidades* relacionadas à profissão que devem atender as especificidades da Língua de Sinais. Por sua vez, durante os anos em que transcorre a sua formação, vão enfrentando diversas inquietações e descobertas em relação a sua identidade profissional. Ao nos referir ao curso Letras Libras estamos adentrando em um curso que demanda o conhecimento da cultura surda, da realidade linguística das características próprias da Língua de Sinais, de direitos linguísticos e posicionamentos políticos e sociais.

A construção de identidade dos ILS está ligada à relação com a Língua de Sinais que se constrói a partir de um processo de aproximação com a cultura surda. Ter o conhecimento de uma língua é um fator transcendente para se entender como ILS, mas este conhecimento não se forma e se desenvolve isolado da relação com a cultura surda, do contato de situações reais, com os indivíduos surdos e do entendimento do sujeito surdo, e principalmente do alcance de uma comunicação efetiva e de respeito.

A partir dos aportes teóricos e da concepção de estágio presente no regulamento, o estágio é entendido como um momento que permite ao aluno vivenciar experiências práticas e pôr em funcionamento diversos saberes, tanto os individuais como os sociais, conectando a teoria à prática e a prática à teoria, e buscando se posicionar num contexto de inter-relações complexas e desafiadoras. É, portanto, um espaço mobilizador de saberes, habilidades, atitudes, posturas reflexivas, e sentires que não se constrói sozinho e sim em contato com as diferentes disciplinas ao longo do curso. Um ponto de encontro do vivido, do aprendido e do sentido durante a formação e um acontecimento inconcluso.

O Estágio de Interpretação no Curso Letras Libras configura-se como um componente curricular obrigatório. Figura como disciplina, mas em sua dinâmica extrapola a noção de disciplina tradicional, pois refere-se como uma atividade ou especificamente um período onde se realizam atividades programadas, orientadas e supervisionadas fora da sala de aula. Na grade

curricular, o aluno precisa ter cumprido todas as disciplinas anteriores. Além disso, o aluno cursa somente no nono semestre – que é correspondente ao último semestre do curso e é mandatório, conforme o capítulo II do regulamento do estágio (UFSC, 2013):

Artigo 2º - Os Estágios classificam-se em: I- Obrigatórios: constituem-se em disciplinas do currículo pleno do Curso de Bacharelado em Letras-Libras, nas suas respectivas áreas de conhecimento. II- Não-obrigatórios: consistem nas atividades de estágios orientadas para a complementação da formação acadêmico-profissional, realizadas por livre escolha do (a) aluno(a).

Art. 7º - O estudante deverá iniciar a participação no Estágio na época propícia definida na estrutura curricular do curso.

As informações são claras em relação aos aspectos técnicos, porém, alguns aspectos sobre este momento não ficam tão claros para os estudantes. Não é fácil de reconhecer antes de iniciar a disciplina, como funciona na prática as atividades de estágio. Isto gera muitas expectativas e dúvidas por parte dos alunos, que posteriormente são esclarecidas dentro do plano de ensino da disciplina, que geralmente correspondem às primeiras aulas, para as apresentações pertinentes sobre este período.

Em relação à carga horária, o regulamento estabelece:

Art. 8º - A carga horária do Estágio obrigatório está definida no Projeto Pedagógico do Curso, conforme o que estabelece a legislação vigente.

Parágrafo único - No Curso de Bacharelado em Letras-Libras, a carga horária do Estágio em Interpretação da Libras e Língua Portuguesa a que se refere o *caput* deste artigo totaliza 180 horas, assim distribuídas:

I- 60 horas destinadas fundamentação teórica e escrita do relatório;

II- 40 horas destinadas à observação no campo de estágio;

III- 80 horas destinadas à prática de interpretação distribuídas em 4 etapas (planejamento, interpretação, apoio e avaliação), pois será uma prática realizada *preferencialmente* em trios de alunos, sendo que na primeira etapa (planejamento) os alunos deverão realizar em conjunto, alternando os papéis nas outras três etapas (interpretação, apoio, avaliação). (UFSC, 2013).

Nas 40 horas dedicadas à observação no campo de estágio inclui, conforme plano de ensino, a observação do espaço físico e dos recursos, das relações humanas, da dinâmica de interpretação, do funcionamento da equipe de tradutores se pertinente, das relações sociais que ali se sucedem, do funcionamento inerente à profissão, de posturas, da realidade social específica, dentre outros tantos aspectos que se dão no campo de estágio. Trata-se de um momento para o estagiário conhecer o contexto no qual estará atuando, permitindo que compreenda diferentes aspectos para o desenvolvimento de seu labor como intérprete.

Em específico à prática de interpretação são estabelecidas 80 horas, incluindo diferentes etapas relacionadas ao ato tradutório, e que poderão ser intercaladas com os momentos de observação, a consideração e orientações do supervisor da Instituição na qual realiza o estágio.

Também se desprende do regulamento que, um terço da carga horária é dedicado à elaboração do relatório, que consiste em articular e refletir sobre todo o processo e alinhar as questões suscitadas da prática. Para esta atividade é reservado uma carga horária considerável, sendo um momento de atividade individual e de interlocução com a professora da disciplina. Em sendo uma atividade com uma carga subjetiva, o estagiário descreve sobre suas experiências e seus aprendizados, e reflete sobre o tempo que permaneceu efetivamente no campo de estágio.

A proposta pedagógica do curso conforme PPP (2012) abarca pluralidade metodológica e multiestrutura do processo de ensino-aprendizagem. A avaliação de conhecimentos seguirá os mesmos passos e fará uso de instrumentos que oportunizem a manifestação de competências e habilidades variadas. Considera-se que a avaliação deve fornecer diagnóstico não só sobre o resultado, mas também sobre o próprio processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo munir professores e alunos de informações que instiguem o constante questionamento, a análise crítica e a aplicação de ações de redirecionamento. A avaliação do estágio se dará nos mesmos quadros avaliando-se o processo e abarcando as três etapas integrantes da disciplina.

A passagem do aluno pelo estágio ocorre a através da orientação dos docentes presentes na universidade, bem como sob supervisão de profissionais que tenham formação ou experiência na área de conhecimento desenvolvida no curso do estagiário e que atuam no campo de estágio. O estagiário para aprovação na disciplina deverá obter média de aprovação exigida, cumprir a carga horária realizada no campo de estágio e entregar os relatórios de estágio no período determinado pelo professor orientador.

O plano de ensino da disciplina tem como objetivos descritos: “proporcionar aos alunos experiências de interpretação Libras-Português em contextos institucionais, de modo que tenham a oportunidade de vivenciar a sua profissão e de problematizar as teorias até então estudadas na atuação prática” (Plano de Ensino, UFSC, 2023). Em relação a metodologia o plano de ensino reflete que as interações desta disciplina serão conduzidas de modo que o aluno possa vivenciar a sua profissão, isto é, através da experiência de interpretação de Libras-Português em contextos institucionais diversos, em aproximação dos alunos às atribuições, papéis e demandas do intérprete de Libras a partir do contato com profissionais em exercício. O aluno-estagiário observará a atuação do profissional no campo de atuação de forma presencial, para então descrever os processos observados e por sua vez praticados no contexto de interpretação escolhido.

Podemos entender desta forma como se constitui esta etapa, que é composta por três momentos diferentes e inter-relacionados, mas separados espacialmente. Num primeiro momento, os alunos têm encontros em sala de aula com o professor orientador de estágio

(responsável pela disciplina), que orientará em diversos aspectos pertinentes a este momento. Mediará nas questões burocráticas e abordará aspectos do estágio em interpretação, como assinatura de termo de compromisso de estágio, carta de apresentação e proposta pedagógica do estágio, aspectos necessários para que o estudante efetive a ida ao campo de estágio de forma segura e supervisionada.

O segundo momento refere à atividade em si, isto é, estar inserido no campo profissional, estar dentro da realidade do ILS, que proporcionará momentos propícios para observar, praticar, desenvolver e adquirir diferentes saberes presentes na profissão, conhecer a realidade social além da teoria, estar, ser e se encontrar como futuro profissional. Neste espaço o futuro profissional terá uma convivência com os demais profissionais que atuam na instituição, além do contato direto como seu supervisor, um profissional intérpretes que está desenvolvendo sua prática diariamente, e portanto tem um conhecimento aprofundado sobre seu ambiente de trabalho, dificuldades encontradas e aspectos intrínsecos aos fazeres cotidianos. Mas ao mesmo tempo poderá ter encontros com o professor orientador e a oportunidade de explicar diferentes aspectos do vivido no lugar onde está realizando o estágio.

O terceiro momento é dedicado a elaboração do relatório, porém este momento ocorre junto à prática de estágio. O aconselhável é que o aluno à medida que está emergido no campo de estudo consiga ir realizando o registro de suas experiências. Finalmente o aluno socializará com professor e colegas da turma suas vivências a partir de uma apresentação de seminário. (UFSC, 2023).

Não podemos deixar de mencionar um aspecto importante no que se refere à conexão da instituição acadêmica com os campos de estágio, e como se dá esta relação. Este movimento do saber acadêmico, para fora dos portões da universidade ou da sala de aula, se dá segundo o regulamento de estágio (UFSC, 2013) através de convênios interinstitucionais. Os estágios poderão ser realizados na própria UFSC ou em outras instituições públicas, ou ainda em empresas privadas ou ONGS, com a condição de que atuem na área pertinente às atribuições dos TILS. Em relação a espaços fora da UFSC, seja instituição pública ou privada, deverá constar com convênio prévio com a universidade.

Assim sendo, o aluno que ingressa na disciplina Estágio em Interpretação e pretende se inserir em uma determinada instituição, pública ou privada, deverá expressar sua preferência e/ou sugerir contextos pontuais para estagiar. Embora ocorram conflitos entre tempos, desejos, realidades e burocracias, pois nem sempre o contexto terá convênio, e mesmo que tenha, é necessário a demanda local do contexto bem como a disponibilidade de o profissional em atuação aceitar supervisionar o estagiário. Como se vê muitas variáveis estão em jogo em um

período tão curto. Aos alunos são ofertadas as opções disponíveis para que o início do estágio não atrase, evitando comprometer a sua colação de grau. Daí se reconhece a dificuldade não somente em localizar espaços onde seja possível estagiar, mas coincidir que no momento do estágio o cenário esteja aberto e com as condições necessárias para que o estágio ocorra. Vale lembrar que a presença de intérpretes de Libras como profissionais contratados é incipiente e até mesmo não normalizada na nossa sociedade em contextos variados, limitando as opções do estagiário na escolha de contexto. Depende também o estagiário de encontrar contextos com supervisores que atuem interpretando e que haja surdos demandando o serviço.

Também é importante ressaltar que na medida que as barreiras burocráticas vão se enfrentando, as instituições conveniadas com a universidade vão aumentando e, por conseguinte, ampliando-se os campos de estágios que os alunos de bacharelado poderão atuar. Reconhecemos que a necessidade e a importância dos ILS em diferentes contextos veem normalizando a presença de estagiários intérpretes de Libras nas diferentes instituições atuantes nesta área, e portanto na sociedade.

3. A ABORDAGEM QUALITATIVA-INTERPRETATIVA DE PESQUISA

A presente pesquisa tem uma abordagem qualitativa-interpretativa com alguns traços de uma perspectiva descritiva-exploratória. O enfoque qualitativo para este trabalho foi escolhido pois permite ao pesquisador analisar múltiplas realidades subjetivas, tendo como vantagem a sua riqueza interpretativa e a contextualização de fenômenos (SAMPIERI; COLLADO; BAPTISTA, 2013, p. 34). Neste tipo de abordagem o pesquisador procura observar, registrar e analisar as interações entre as pessoas e o sistema econômico, social e o contexto. Trabalha com base na subjetividade, estudando os valores e crenças que orientam as ações humanas. O foco está na natureza das respostas, dos sentimentos, das opiniões, das crenças e não na quantificação do problema.

As escolhas no fazer metodológico deste trabalho tomam como referência os aportes de Minayo (2002), que reconhece o valor da pesquisa qualitativa para abordar pesquisas na área das ciências sociais, assumindo a importância da interpretação, do significado e do contexto na pesquisa qualitativa. A autora enfatiza a relevância da compreensão dos significados, das interpretações dos participantes e da contextualização dos diferentes fenômenos sociais. Considera-se nesta pesquisa o sujeito como um ator social e, portanto, se valorizam suas experiências, perspectivas e significados atribuídos aos fenômenos estudados. Neste escopo, há o teor reflexivo por parte do pesquisador é acolhido, pois se reconhece o papel deste como sujeito ativo no processo da pesquisa, ciente de suas próprias influências, crenças e pressupostos. O fato de estar inserida no curso como estudante do Letras Libras Bacharelado se reflete neste aspecto, e com efeito a relação entre os participantes e o pesquisador será permeado de subjetividades.

Sampieri; Collado e Baptista (2013, p. 35) descrevem as atividades principais de um pesquisador considerando o parecer de Crosswell (1997), que destaca que o pesquisador que trabalha qualitativamente entende os participantes e se identifica com estes, e portanto, não registra apenas fatos objetivos. Também as autoras destacam a presença do *padrão cultural*, definido como o denominador comum de todo enfoque qualitativo, das marcas de interpretação entendendo que toda cultura ou sistema social possui um modo único para a compreensão de situações e eventos.

Uma análise qualitativa depende de diversos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação (GIL, 2002, p. 133). E para este trabalho, acolheremos a perspectiva descritiva-exploratória que têm por objetivo levantar opiniões atitudes e crenças de um

determinado grupo (GIL, 2002, p. 42). São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, dentre estas o *questionário*. O autor entende também que muitas vezes uma pesquisa definida como descritiva, acaba servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas com teor exploratório.

3.1 Procedimentos para coleta e análise dos dados

Quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa de estudo de campo. Segundo Gil (2002) este tipo de procedimento permite aprofundar sobre uma realidade específica, e pretende captar as explicações e as interpretações que acontecem naquela realidade, no caso específico sobre o estágio supervisionado de interpretação – parte constitutiva do Curso Letras Libras.

Para obtenção dos dados desta pesquisa foram aplicados *questionários* aos alunos do Letras Libras Bacharelado da quinta fase em diante, assim como aos alunos que já cursaram a disciplina em questão. O questionário consta de perguntas abertas principalmente focadas a recolher informação sobre as expectativas, percepções e impactos do estágio na formação dos estudantes. A análise das respostas dos alunos sobre o Estágio Supervisionado serão a base empírica deste trabalho.

O questionário foi a ferramenta utilizada, e de acordo com Gil (2002, p. 128) é definido como uma possibilidade técnica para investigar uma realidade, “apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. Um dos critérios para o envio de questionário foi que com essa ferramenta é possível obter informações dentro do contexto institucional de uma forma prática e realista, pois permitiu otimizar o tempo que se dispõe para a elaboração do TCC. Gil (1999, p. 122). Outra vantagem do questionário é a de atingir um grande número de pessoas mesmo que estejam distantes geograficamente ou/em uma área extensa. Por outro lado, reconhecemos também as limitações, destacadas por Marconi e Lakatos (2003, p. 201-202) em que a) somente uma pequena porcentagem dos questionários geralmente voltam respondidos; b) há impossibilidade de auxílio quando a questão não é entendida; c) as circunstâncias em que foi respondido pode influenciar a qualidade das respostas; d) nem sempre é o escolhido quem responde ao questionário, invalidando algumas questões, e) proporciona resultados críticos em relação à objetividade, pois as perguntas podem ter significados diferentes para cada indivíduo.

Por se tratar de uma pesquisa de iniciação científica e com o intuito de fazer um breve levantamento sobre as percepções dos alunos em relação ao estágio, o formulário

disponibilizado *online* pelo *google forms* constou com algumas perguntas gerais fechadas e três perguntas abertas, estas diferenciadas e direcionadas para alunos que já cursaram e para aqueles alunos que ainda não cursaram o estágio. Todos os questionários foram respondidos de forma anônima. Para uma visão do questionário enviado, ver anexo.

Após a coleta dos dados procedeu-se a análise por meio de categorização. A partir de uma análise-interpretativa inicial, as respostas foram categorizadas a partir da identificação dos tópicos que se reiteram dos depoimentos e correlatos às perguntas de pesquisa planteadas no desenvolver do trabalho. O tratamento do material demandou uma decodificação, de modo que algumas reflexões possam ser elaboradas. Os resultados brutos devem ser tratados de forma que ofereça respostas significativas para que o pesquisador possa estabelecer interpretações ou realizar inferências (BARDIN, 2011, p. 101).

Embora tenhamos tido retorno de um número considerável de alunos, reconhecemos a limitação em relação à utilização de somente um instrumento de levantamento de dados, bem como o não aprofundamento com entrevistas e conversas pessoais para uma complementação das respostas dos alunos, podendo surgir outros desdobramentos do tema. Porém, devido ao fator tempo e alguns aspectos práticos, essa problematização pode ser tema de futuras pesquisas.

3.2 O contexto e os participantes da pesquisa

A partir da escolha do tema quanto às impressões dos estudantes sobre o estágio em interpretação, um recorte de quem seriam os participantes foi feito. Decidimos por investigar os alunos a partir da quinta fase, via uso do instrumento questionário *google forms online*, enviado para ser preenchido de forma anônima aos alunos do curso.

Segundo Gil (2002, p. 29) o problema de pesquisa deve ser delimitado a uma dimensão viável. Nesta pesquisa acadêmica procurou-se formular a pergunta sobre o que pensam os alunos sobre estágio delimitando aos alunos das últimas fases. A delimitação do objeto de estudo guarda estreita relação aos objetivos da pesquisa e com os meios disponíveis para investigação. Pensando neste aspecto procurou-se investigar anteriormente como e quais as possibilidades de aceder aos alunos que iriam cursar, estão cursando ou já cursaram o estágio.

Verificou-se que os estudantes de bacharelado são minorias no curso Letras Libras, em relação aos alunos de Licenciatura. As turmas dos últimos semestres raramente ultrapassam os 10 alunos, além disto as turmas do Letras-Libras são oferecidas um ano sim e um ano não e ainda devido ao curso ser recente não há muitos alunos que passaram por esta a etapa de estágio em Interpretação. Nestes termos o resultado do questionário online estava condicionado a obter

resposta de uma porcentagem significativa de sujeitos dentro do pequeno universo Letras Libras Bacharelado.

Os alunos participantes desta pesquisa correspondem a alunos a partir da quinta fase, e optamos por fazer esse corte por entendermos estes alunos já estão mais próximos desta etapa e possuem um conhecimento e uma familiarização maior com o contexto educacional do curso.

O link do questionário foi disponibilizado em grupos em que estão alunos de todas as fases, de modo que alguns alunos das fases iniciais, no intuito de colaborar, participaram dos questionaram, porém não foram considerados neste trabalho. O período de recebimento das respostas a partir do lançamento das perguntas foi de 20 dias, as respostas foram chegando pouco a pouco. A colaboração dos estudantes em divulgar o link do formulário a outros alunos foi essencial para a realização deste trabalho. No fechamento do questionário obtiveram-se 20 respostas, 18 deles se enquadraram no perfil escolhido para pesquisa (alunos Letras Libras Bacharelado a partir da quinta fase) e, portanto, foram considerados neste trabalho.

A coleta de dados foi uma etapa essencial neste processo e foi possível graças a colaboração dos estudantes. Gil (2002, p. 43) explica que, o elemento mais importante para a identificação de um delineamento de uma pesquisa é o procedimento adotado para a coleta de dados. A presente pesquisa assim se caracteriza como uma pesquisa social onde o sujeito é protagonista, pois sem este a realização do presente trabalho não teria sido possível.

4 O ESTÁGIO DE INTERPRETAÇÃO NA VISÃO DOS ESTUDANTES

Considerou-se interessante apresentar uma tabela para identificar o perfil dos participantes, apresentando informação em relação a sua formação e a fase do curso pela qual estão transitando, assim como diferenciar aqueles alunos respondentes ao formulário que já cursaram o estágio daqueles que ainda não alcançaram esta etapa. No questionário perguntas comuns foram direcionadas a todos nos primeiros passos, e partir da pergunta sobre se já cursou ou não o estágio, dependendo da resposta os alunos foram direcionados para sessões de perguntas diferentes atendendo as especificidades de cada grupo.

Também é importante destacar que os alunos participantes desta pesquisa são alunos que em algum momento de sua formação foram atingidos pela pandemia causada pelo coronavírus iniciada no ano 2019, vendo-se obrigados ao isolamento social, e realizando parte do curso de forma remota. Tal acontecimento certamente distingue estes estudantes de outros que realizaram toda sua formação sem tal contratempo. Assim, entendemos que o fato de os alunos participantes desta pesquisa serem indivíduos que vivenciaram um momento tão peculiar da história se reflete nos seus pareceres e depoimentos sobre o Estágio Supervisionado de Interpretação.

As tabelas abaixo mostram um panorama geral sobre os estudantes que optaram por participar desta pesquisa, indicando a fase atual e sobre se já possuem uma graduação anterior ou se o Letras Libras Bacharelado é sua primeira graduação. Não foram recolhidos dados pessoais como nomes, idade, sexo, pois não foi considerado pertinente para os objetivos do trabalho e sobretudo, para manter o anonimato dos participantes.

Tabela 1. Perfil dos alunos que já cursaram o estágio

Aluno	A	B	C	D	E	F	G	H	I
Fase do curso	nona	nona	nona	nona	Nona	nona	nona	nona	nona
Letras Libras Bacharelado/ 1 graduação	sim	sim	sim	não	não	sim	não	sim	sim

Tabela 2. Perfil alunos que não cursaram o estágio ainda

Aluno	J	K	L	M	N	O	P	Q	R
Fase do curso	quinta	oitava	quinta	sétima	sétima	sétima	nona	oitava	sétima
Letras Libras Bacharelado/ 1 graduação	não	não	não	não	não	sim	não	sim	sim

Em relação à formação dos alunos participantes desta pesquisa, de um total de 18 alunos, oito alunos responderam que é sua primeira graduação e dez que não é. É interessante identificar este aspecto porque, de alguma maneira, ter realizado uma graduação pode influenciar na forma como se entende o estágio e a expectativa ser distinta comparada àqueles que nunca passaram por uma etapa similar. Assim, uma experiência anterior, mesmo que em outra graduação ou em outra área, diminuem a ansiedade que seguramente influenciarão na forma como vêm ou entendem o estágio em interpretação.

Como esclarecido anteriormente, considerou-se os alunos a partir da quinta fase. Para análise do perfil dos estudantes, realizou-se uma tabela que identifica alunos que já cursaram ou estão cursando o estágio e aqueles respondentes que ainda não passaram por esta etapa. Identificou-se 9 que já cursaram e 9 que ainda não cursaram.

Dos 18 alunos/as respondentes ao questionário, 10 deles pertencem a nona fase, 7 estão em andamento, isto é, ainda cursando o estágio, 1 ainda não cursou o estágio e 2 já o concluíram. Estes dois alunos afirmam que mesmo tendo concluído o estágio ainda não se graduaram, portanto se conclui que ainda têm alguma/as disciplinas pendentes. O restante dos alunos num total de 8, correspondem a 2 da oitava fase, 4 da sétima fase, e 2 da quinta fase.

A partir da leitura das respostas dos participantes desta pesquisa foram identificadas algumas categorias. Primeiro, uma análise sobre os relatos dos alunos sobre o estágio em relação as ideias prévias, que distinguimos em três sub-categorias: o conhecimento prévio que eles têm sobre a área de atuação, o momento do estágio na grade curricular e a carga horária.

Numa primeira leitura sobre as respostas dos estudantes que ainda não cursaram o estágio, identificou-se em relação aos conhecimentos prévios que os alunos não têm quase informação sobre esta etapa, inclusive alunos da oitava fase e bem próximos de vivenciar este momento desconhecem detalhes específicos sobre o estágio. As informações que estes possuem é principalmente através de colegas que já cursaram o estágio. Podemos intuir que a informação que é passada pelos colegas é assertiva, mas proveniente e permeada de experiências pessoais. Na maioria das vezes essas trocas são muito esclarecedoras e permitem

aos estudantes o compartilhamento de sentimentos, de se apoiarem uns aos outros, a partir de conversas amenas de igual a igual e com o intuito de não se sentirem sozinhos no espaço acadêmico. Mas a reflexão é no sentido de considerar se somente estas informações passadas pelos colegas são suficientes para lhes proporcionar uma visão real sobre esta etapa e, por sua vez qual é o motivo que leva aos estudantes a não acederem a dita informação através de outras fontes, como tirando dúvidas com os professores e/ou acessando os documentos.

Como veremos nos depoimentos seguintes, ao serem questionados sobre o que já sabem sobre esta etapa, as respostas dos alunos que ainda não realizaram o estágio, reiteram:

- *“Ainda não sei como funciona... Sei o que ouvi de algumas colegas que já cursaram”*
- *“Não tenho ideia”*
- *“Não tive interesse em pesquisar só vi no currículo que está na última fase”.*

Ainda vemos outro depoimento sobre um participante que já iniciou esta etapa:

- *“Antes de iniciar, confesso que não fazia ideia de como iria funcionar. Pensava ser algo fixo, inflexível em questão de horários e demandas”.*

Quando questionados sobre o que já sabem sobre o estágio os/as estudantes expressam:

- *“Sim, sei que será na área de educação, na UFSC ou em uma escola”*
- *“Sei que vai ser na área educacional. Não sei se pode ser em outro contexto”.*
- *“Acredito que será na esfera educacional, tenha duração de um semestre dividido em explicação das normas e documentos necessários, tempo para observação, tempo para prática e depois produção do relatório”.*

Ao indagar sobre onde obtiveram informação, alguns alunos afirmam que olharam no currículo do curso para obter informação, mas a maioria através de colegas. E no currículo, a informação mais enaltecida da disciplina refere-se à carga horária.

Em relação à afirmação dos estudantes que apontam que será na área educacional, é plausível interpretar que a informação não é errônea pois reflete a realidade vivenciada por seus colegas, e por se compreender que as escolas são locais potenciais de atuação e têm a presença de surdos matriculados que demandam por esse serviço. No regulamento, tal informação se

apresenta também com outras potencialidades, se referindo aos diversos campos de atuação além da área educacional pendentes de estrutura organizacional prevista para o exercício da atividade interpretativa, destacada na passagem em negrito:

CAPÍTULO VII - DO CAMPO, ÁREAS E INSTRUMENTOS

Art. 11. - As atividades do Estágio ocorrerão em Instituições/Campo de Estágio da Educação Básica, quer da rede estadual, municipal ou privada, em ONG, escolas especiais, empresas e demais instituições, **desde que estas possuam a estrutura organizacional prevista para o exercício da tradução/interpretação da Libras e que atendam às especificidades do curso.**

Embora no regulamento de estágio não se especifique o contexto de atuação quando se refere ONG e empresas, fica a pergunta sobre o que implicaria essa estrutura para o exercício da profissão e como poderíamos ter a referida estrutura, de modo adequado para receber os estagiários de interpretação de Libras-Português.

A realização do estágio na área educacional pode ser um fator para a convicção de que esse seria o único contexto, mas sabemos que outras possibilidades de estágio são desejáveis e possíveis. Pondere-se também que os alunos têm a liberdade de sugerir locais, porém se as instituições não têm o convênio com a UFSC e/ou não há demanda de interpretação na ocasião do estágio, inviabiliza a execução sobretudo em termos de prazos para tudo fluir a tempo.

Ainda sobre a área de atuação, as respostas apontam em sua maioria a realização do estágio na área educacional, e a expectativa gira em torno de prazos e horários fixos, pois vemos uma dizendo *“pensava ser algo fixo, inflexível...”*. Além das informações sobre o contexto, vemos uma estudante que tem uma ideia mais clara sobre as etapas da disciplina, ao ser indagada sobre como acedeu as informações responde que por colegas que já realizaram o estágio.

Também pode-se desprender dos depoimentos que o desconhecimento sobre este momento pode se dar por vários fatores, dentre estes a falta de interesse por parte dos alunos. No entanto, alguns alunos expressam a vontade de saber mais a respeito por exemplo:

- *“Não tenho ideia gostaria de saber mais.”*

- *“Tempo de duração e contextos, tem no currículo do curso, mas as outras informações, não sei. Mas acredito que tenha algum documento que oriente”.*

A partir do questionamento sobre acesso à informação sobre o estágio, pode-se apontar como documento informativo o regulamento de estágio (UFSC, 2013), que como vimos no decorrer deste trabalho, é o documento que regula e apresenta diversos aspectos técnicos e

pedagógicos. Assim, cabe o questionamento sobre como o documento poderia ser mais disseminado entre os alunos, antes mesmo de se chegar na nona fase.

O regulamento de estágio (UFSC, 2013) estabelece como uma das atribuições do discente “manifestar sua escolha pela Instituição/Campo de Estágio ou Local do Estágio” para depois poder proceder à parte burocrática. Então, uma possibilidade é quanto mais informações prévias estejam disponíveis aos estudantes, mais se poderia facilitar os aspectos organizacionais sobre esta etapa. Por outra parte, a disciplina Estágio em Interpretação não se configura com o restante das disciplinas em geral, gerando inquietações nos estudantes, que a nosso ver são compreensíveis.

Para outras questões levantadas nas respostas dos alunos, identificamos algumas categorias correlacionadas as expectativas e impressões dos estudantes para delinear tópicos que são recorrentes. Assim temos como categorias de análise:

- a) sentimentos e emoções em relação ao desconhecido;*
- b) experiências em relação à dinâmica, tempo e período que ocorre o estágio;*
- c) campo de atuação do estágio e percepção geral sobre o estágio.*

Apesar de termos categorias separadas, entendemos que os assuntos abordados conversam entre si, e muitas vezes os relatos se entrelaçam e se retomam nos discursos dos estudantes. Tratar de um tema permeado de percepções subjetivas, os assuntos sobre estágio vão e vêm nas vozes dos estudantes, e as respostas abertas deram a possibilidade aos alunos de expor suas experiências de maneiras próprias e diversas.

4.1 Os sentimentos em relação ao desconhecido

Antes de iniciar o estágio, os estudantes expressam sentimentos e emoções como ansiedade, medo, nervosismo, e alguns expressam situações que estão relacionadas à insegurança para enfrentar esta etapa e sobre o ato de interpretar. Kiraly (2016, p. 241) descreve a complexidade existente no ensino e na qualificação do profissional tradutor e intérprete, considerando que o ato tradutório envolve vários aspectos, para além do meio social e a cultura em que está inserido o futuro profissional. Portanto, Kiraly aponta os aspectos físicos e emocionais envolvidos no indivíduo no ato de tradução e interpretação.

Vemos nos depoimentos a seguir sobre o que pensam e como sentem antes de ingressar ao estágio, uma etapa desconhecida à que os alunos atribuem uma característica desafiadora.

- *“Acho muito interessante e relevante. Ansiosa para cursá-la.”*
- *“Antes do estágio estava curiosa e ansiosa sobre a prática, mas animada pela oportunidade.”*
- *“Eu sinto um pouco de insegurança, um pouco de medo não tenho experiência, mas penso que vou conseguir e vai ser bom poder interpretar, vou aprender muito.”*

A insegurança é parte constituinte no processo de aprimoramento profissional. Deste modo, o medo a errar e o receio de não conseguir interpretar de maneira eficiente, entre outras manifestações de insegurança, se amenizam ou vão se desvanecendo à medida que os alunos enfrentam esta etapa com apoio de profissionais mais experientes.

a tarefa de interpretar, além de ser uma prática desafiadora, é ao mesmo tempo fascinante. Os desafios da interpretação quanto mais pesquisados, mais fazem com que seus profissionais fiquem conscientes de sua atuação e conseqüentemente mais seguros”. (COIMBRA, 2016, p. 30).

O autor vai adiante e também discorre em termos da exposição do intérprete de línguas de sinais, explicando:

Se os intérpretes de línguas orais podem estar refugiados em suas cabines e ligados à sua plateia sem vínculos que os reconheçam imediatamente não é o caso dos intérpretes de Língua de Sinais. Mesmo quando interpreta para o Português o que foi expresso em Língua de Sinais há uma sensação de que todos o reconhecerão, porque o seu corpo já foi exposto e todos sabem de quem se trata, o que torna processo ainda mais tenso, frente ao imaginário constituído. (COIMBRA, 2016, p. 161).

Outro aspecto interessante que os alunos manifestam é em relação à presença do supervisor de estágio, aquele que estará ao seu lado em caso de que *“não consiga”* e precise de ajuda. Assim os participantes explicam:

- *“Tinha expectativas amedrontadoras durante a prévia do estágio, mas já no primeiro dia de aula percebi que seria mais tranquilo do que imaginava”.*
- *“Antes eu estava com medo de não conseguir, mas depois foi bem melhor e o medo diminuiu muito”.*
- *“Tinha um pouco de insegurança, mas os meus supervisores fizeram me sentir confortável”*
- *“Tinha muito receio de estagiar na área da educação, justamente pela responsabilidade de transmitir dados para alunos surdos...fui muito ajudada pela minha supervisora, pela professora da disciplina onde eu atuava e pelos colegas. No fim, me saí bem”.*
- *“Tirar um pouco o medo a exposição. A improvisação e estratégias de interpretação dentro da sala de aula”.*

A insegurança que os alunos tinham antes de começar vai se transformando em sentimentos de conquistas, e pouco a pouco sentem mais tranquilidade, onde a presença dos supervisores é enfatizada como aporte profissional valioso. As equipes de intérpretes constituídas por novatos e veteranos enriquecem as equipes de interpretação. A relação interpessoal é fundamental para que um trabalho em equipe tenha êxito, além da atuação e do esforço individual, a confiança no trabalho em grupo é essencial para a realização de uma interpretação bem-sucedida (KELLY, 2010 *apud* COIMBRA, 2016, p. 60).

Os estagiários encontram, no espaço em que atuam, muitas vezes, uma primeira aproximação ao trabalho realizado em equipe. Nos depoimentos, os estudantes não especificam de que se trata esse apoio que os supervisores dão. Mas, recorrendo ao contexto de atuação podemos deduzir que, dentre os diferentes tipos de apoio que estes oferecem se inclui o papel do supervisor como um intérprete de apoio mais experiente que acode linguisticamente o intérprete novato na atuação propriamente dita. É o que vemos na fala de um dos participantes da pesquisa, quando diz:

- *“Ter pessoas que estão ali pra te ajudar nessa etapa nos deixa mais tranquilos, e confiantes, porque em qualquer momento temos um suporte na hora da interpretação”.*

Está posto aí o sentimento dos estudantes em seus primeiros passos em interpretação. Ou seja, uma insegurança que se minimiza ao perceberem que não estão sozinhos e que contam com ajuda de um supervisor (ou de uma equipe) que já atua nesse contexto e é capaz de dar suporte de modo efetivo. Em relação aos relatos dos alunos sobre o antes e o depois do estágio, verificamos que os alunos após a realização do estágio se descrevem mais tranquilos e seguros. Podemos deduzir que se sentem capazes de enfrentar diferentes situações no campo de atuação que antes lhes provocavam sentimento de ansiedade, insegurança e medo, e que talvez o medo esteja atrelado ao fator desconhecimento.

Também, com base nas declarações dos alunos percebe-se que todos os participantes, de um modo ou outro, reconhecem a importância desta etapa. Em que pese o fato de não possuírem muita informação sobre como será esta etapa antes de seu início, todos manifestaram a importância da disciplina para a formação, expressa de diversas maneiras. Vemos a seguir alguns exemplos:

- *“Acho que é uma disciplina essencial para nossa formação”*

- *“Muito importante, pois dá oportunidade dos estudantes interagirem com profissionais que*

atuam na área, conhecer suas estratégias, dificuldades encontradas e possíveis soluções”

- *“Vejo a disciplina de Estágio de Interpretação como uma parte essencial da grade curricular”*
- *“Acho muito interessante e relevante”*
- *“Essencial e necessária!!”*

Em termos de referenciais teóricos vimos que a importância desta etapa se constitui a partir das diferentes contribuições que o contato com o contexto real acrescenta na formação dos estudantes. Especificamente para a formação dos intérpretes de Libras há peculiaridades em relação as experiências que os alunos vivenciam. Para estes a disciplina na grade curricular aponta para um lugar essencial em relação a seus aportes na formação. Como aportes destacamos: o conhecer o contexto de atuação, entender como é na realidade o trabalho em conjunto com outros intérpretes, estratégias tradutórias, saberes experienciais, competências e habilidades próprias da profissão, assuntos relacionados à identidade profissional, dentre outros tantos.

Por outro lado, as demandas específicas do ato de traduzir que envolvem o domínio de diversas habilidades e competências pode estar relacionado com esse medo expresso nas vozes dos estudantes e conexo com um *“achei que não ia conseguir”*. Em se tratar da interpretação, Rodriguez (2018) reflete a complexidade do ato de interpretar entre línguas de diferentes modalidades onde são *“demandadas habilidades singulares para lidar com o processo comunicativo e interpretativo que tem a Língua de Sinais como língua fonte e a língua oral como alvo (vocalização) ou, por outro lado, a língua oral como língua fonte e a Língua de Sinais como alvo (sinalização)”* (RODRIGUES, 2018b, p. 313).

O autor destaca que as habilidades necessárias envolvem inclusive aspectos sociais, culturais e históricos que caracterizam e definem as comunidades surdas como minorias linguísticas e culturais. Um participante destaca em relação ao que espera do curso:

- *“Que tenhamos um bom suporte. Que tenha profissionais junto para caso tenhamos dificuldade não atrapalhar o surdo com uma interpretação ruim”*.

Há por parte do/a estudante uma preocupação com a qualidade de sua interpretação, pode-se entender ao apontar sua falta de segurança, reconhece também sua posição como intérprete novato, que estará inserido em um contexto real permeado por fatores culturais e históricos, onde entram em jogo situações de risco e onde o surdo pode ser prejudicado por comunicação não efetiva. Considera, por sua vez, que para não prejudicar o surdo precisa do

apoio de um profissional experiente, que em sua concepção é aquele intérprete que tem a capacidade de desenvolver uma interpretação “boa”. Afirmção similar de outra estudante como vemos a seguir:

- *“Espero que me ajude a desenvolver habilidades para me tornar uma boa intérprete.”*

O medo à exposição, ao julgamento de estar realizando uma interpretação boa ou não também aparece num dos relatos dos participantes.

- *“Minha expectativa é de uma prática desafiadora, mas proveitosa, já cursei essa disciplina e conheço a professora e alguns alunos, acredito que isso será um benefício, mas isso também significa que estarei "exposta" a percepção de colegas e da professora, então isso gera um pouco de nervosismo”.*

A crença dos alunos sobre uma interpretação “ruim” ou “boa” nos leva a pensar: estariam os alunos que têm esse sentimento comprometidos a buscar aprimoramento? Caracteriza a estes estudantes como futuros profissionais *críticos sobre sua aprendizagem* e sobre sua futura profissão? Neste trabalho não será aprofundado este aspecto, mas encontrar reiteradamente, direta esse teor nos depoimentos nos levou a tal reflexão. Somados a importância da fluência das línguas em questão no ato interpretativo, os depoimentos apresentados nos mostram preocupação com o desenvolver diferentes de habilidades que conduzam a uma “boa” interpretação. Masuti e Santos (2008) apontam:

Ao lidar com a voz, comparecem as expectativas e os estereótipos em relação ao que significa falar bem, ser fluente na própria língua e na estrangeira. Emerge uma avaliação do intérprete a partir do que a sociedade convencionou como padrão da norma culta. Intérpretes sabem que o ouvido do outro ouvinte tenta defini-lo, bem como rotular o surdo que está sendo interpretado, em razão de seu domínio linguístico. Esse imaginário produz reações psíquicas, cognitivas e afetivas, uma série de componentes que acabam fazendo, indiretamente, parte do texto do intérprete, avesso a um possível escárnio frente a um texto considerado pouco claro ou obtuso. (MASUTI e SANTOS, 2008, p. 162).

Rabelo (2021, p. 98) destaca que os professores formadores de TILS são conscientes que o ensino da língua deve ser ministrado atendendo as características do público alvo, sendo necessário um ensino específico para o intérprete que reconheça as peculiaridades do uso da língua para o ato de traduzir e interpretar. Segundo os estudos da autora, os formadores de TILS dão importância e se empenham em melhorar a qualificação do intérprete, com engajamento político e com apoio à comunidade surda.

Em relação aos sentimentos, a partir das vozes dos estudantes, podemos concluir que estes manifestam emoções iniciais como ansiedade, medo e insegurança. Atribuem ao estágio o adjetivo de desafiador, mas uma importante etapa e essencial. Que para superar estas emoções eles recorrem principalmente à informação de outros colegas que já passaram pelo estágio. Que para os estudantes a presença e o apoio do supervisor durante a interpretação cumpre um papel fundamental para enfrentar esta etapa de maneira mais segura e menos amedrontadora. O estágio supervisionado para os alunos é uma experiência transcendente mesmo que desafiadora e desconhecida para alguns.

Assim resgatamos a ideia de Bondia (2002, p. 27) quando diz que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Entende-se que os relatos dos estudantes, plasmados no questionário e proposto para elaboração desta pesquisa, refletem aquelas experiências que lhes tocou de uma maneira significativa dentro de suas vivências de estágio e são inerentes as experiências singulares destes sujeitos.

4.2 Experiências e percepções sobre o tempo e o período do estágio

Agora veremos como segunda categoria percepções em relação à experiência sobre o tempo e o período em que ocorre o estágio de interpretação no curso em tela. Iniciamos a discussão com o dizer de Bondia (2015, p. 52), que discorre sobre a formação:

a questão não é aprender algo. A questão não é que, a princípio, não saibamos algo e, no final, já o saibamos. Não se trata de uma relação exterior com aquilo que se aprende, na qual o aprender deixa o sujeito imodificado. Aí se trata mais de se constituir de uma determinada maneira. De uma experiência em que alguém, a princípio, era de uma maneira, ou não era nada, pura indeterminação, e, ao final, converteu-se em outra coisa. Trata-se de uma relação interior com a matéria de estudo, de uma experiência com a matéria de estudo, na qual o aprender forma ou transforma o sujeito.

Os estudantes expressam os impactos na sua formação apontando diferentes aspectos em relação à dinâmica, em como se deu o estágio e quais foram os aportes que esta etapa lhes deixou. Os universitários demonstram que durante o tempo em que vivenciaram o estágio alguns aspectos lhes tocaram mais que outros. Podemos assumir que os estudantes depois da passagem pelo estágio não ficaram imodificado, pois é a partir das próprias experiências que ocorre uma transformação no indivíduo. Retomando a concepção de Bondia (2002, p. 53) sobre experiência, o acontecimento pode ser o mesmo para todos, porém a experiência é individual, já que aspectos que impactam a cada indivíduo em especial serão a diferencia para se determinar uma experiência como tal. Assim visualizamos os diversos depoimentos sobre experiências

plasmadas nas frases a seguir:

- *“Foi excelente. Aprendi bastante e utilizei o que eu aprendi. Pude observar as intérpretes trabalhando em dupla, as escolhas lexicais e como a coordenação de intérprete é organizada.”*

- *“Fiz durante a pandemia, interpretando as próprias aulas do Letras Libras. Pra mim foi interessante porque foi a primeira vez que interpretei na direcionalidade Libras Português.”*

- *“Minha experiência até agora tem sido muito boa, me sinto muito a vontade na hora de decidir quais contextos quero entrar e quais não tanto (a escolha principalmente é pelo domínio do tema)”*

- *“No primeiro mês estava no momento de "observação", prestei atenção na dinâmica da sala e das intérpretes e registrei situações, desafios, estratégias, combinados, interações e tudo mais que fosse relevante, também conversei com minha supervisora sobre algumas dessas observações e algumas questões que surgem”*

Ponderando os relatos acima percebe-se que a experiência para cada estudante deixou uma marca nova, um estudante refere à observação do trabalho em equipe e sua organização. Outro estudante foi impactado/a pela experiência nova em relação à direcionalidade de interpretação pois, destaca que foi a primeira vez que interpretou nessa direcionalidade. Também vemos no relato de uma aluna/o uma preferência por interpretar sobre um determinado tema ou por outro, o que se conforma como um acordo entre os integrantes da equipe de interpretação e que lhe transmitiu conforto e segurança. Também destaca interações, dinâmica do espaço e estratégias de interpretação.

Porém uma questão recorrente sobre a experiência dos estagiários se deu em relação ao tempo e período em que este ocorre. Para os alunos este tempo parece se medir desde a importância ou o impacto que o estágio supervisionado tem na formação. Assim apresenta-se a seguir os relatos sobre este tópico:

- *“Fico triste que esta esteja alocada apenas no último semestre, já que poderíamos ter mais práticas durante a graduação”*

- *“Poderia ser melhor, tendo a prática dos estágios no meio do curso. Com essa disciplina se aprende muito.”*

- *“Acho super interessante, porém gostaria ter mais semestres em contextos reais”*

- *“Não foi exatamente como eu imaginei; gostaria de ter mais tempo pra elaborar e me dedicar mais”.*

O estágio, no entendimento destes alunos investigados, poderia ser ofertado além do

último semestre, ou seja, poderia se ter durante o curso mais experiências como esta. É possível pensar que o estágio poderia ser ofertado também em fases anteriores e/ou ocupando mais tempo na grade curricular. Podemos interpretar que tal posicionamento se dá a partir da transcendência que os alunos dão a esta etapa. Será que o aumento da carga horária de estágio e/ou sua antecipação na grade curricular supririam esses sentimentos de carência de prática expressados pelos alunos?

O que sabemos é que a prática é essencial para adquirir segurança no desenvolvimento da profissão. Um/uma estudante faz referência a esta questão, ao esclarecer que passou por esta etapa de forma tranquila, pois procurou outras formas de desenvolvimento profissional, pois já atua como intérprete. A partir de suas vivências reconhece o impacto positivo do estágio como espaço que oportuniza experiências reais de interpretação, e assim expressa sua opinião:

- “Acredito que seja muito positivo, porém gostaria que o curso oferecesse mais oportunidades de interpretação ao longo do semestre. Sinto que só sou capaz de passar pela etapa do estágio supervisionado com êxito pois busquei formas de desenvolvimento na profissão de TILS fora do Letras - Libras. Tirando pelo meu contexto particular de estudante e alguém que já trabalha como Tradutora Intérprete, vejo o estágio supervisionado como essencial para a formação.”

Para tratar a questão do tempo que se dedica ao estágio dentro do curso, como visto anteriormente, deve-se refletir sobre diferentes aspectos curriculares no tocante a articulação com um projeto político pedagógico que abarque tais questões. Retomando os conceitos de Pimenta e Lima (2010, p. 6), sobre a importância de esta etapa na vida dos estudantes, as autoras entendem que o estágio pode acontecer desde o início do curso, pois possibilita a relação da teoria e da prática durante todo o processo formativo. Porém, esta possibilidade incita a pensar sobre a ponte entre o ideal e o real no contexto formação de TILS. Assim, nos indagamos: poderia isto ser possível na formação de ILS? Como poderia ser implementado no curso? A partir de qual fase seria aconselhável que o estudante tivesse contato a disciplina? É prudente realizar estágios mais prematuros dentro do currículo do curso e quais tipos de contextos os acadêmicos poderiam ser alocados de forma segura e supervisionada?

Dentro dos aspectos a se pensar podemos assinalar que implementar o estágio no curso Letras Libras Bacharelado em outras fases do curso implica, dentre outras coisas, uma mudança também social. Ou seja, garantir espaços que recebam os aprendizes de forma segura e supervisionada, como demonstrado no decorrer deste trabalho, mas sobretudo que incluam e garantam a acessibilidade dos sujeitos surdos. A atividade de interpretação em Libras-Português

é mandatória para contextos nos quais os surdos circulem. Assim, tão importante como pensar que o estágio poderia ocupar mais espaço dentro do currículo, se faz ponderar as perdas e os ganhos de tal proposta. Portanto, devemos cogitar sobre quais estratégias seriam possíveis para encontrar caminhos que normalizem a presença de intérpretes de Libras em diferentes contextos sociais e que estejam em acordo às demandas dos surdos. Isto é, a reflexão surge na necessidade de visualizar e identificar se há atualmente em nossa sociedade espaços onde os estagiários possam desenvolver tal prática, quais são esses espaços e em quais contextos.

Assim como, indagar sobre quais os caminhos possíveis para possibilitar, e por conseguinte, normalizar a presença de interpretação Libras–Português nos diversos espaços, reconhece-se que a presença dos estagiários em interpretação ainda é escassa, pois ainda é rara a presença de intérprete em todos os âmbitos da sociedade. Que o espaço educativo ainda é o contexto onde majoritariamente os intérpretes atuam, isso não há dúvidas. Porém, ao problematizarmos o espaço do estágio dentro da grade curricular do Letras Libras Bacharelado implica em entender que ainda há barreiras na atuação desse profissional.

Do mesmo modo, a incipiência da exploração do tema leva a caminhos desafiadores na formação de intérpretes e à necessidade de pensar nas peculiaridades desta formação. Nos aproximamos então à afirmação de Kiraly (2016, p. 228) sobre a formação de tradutores que alerta:

Enquanto, por exemplo, professores escolares de matemática, ciências, religião, história e línguas são treinados, em todo mundo, por meio de programas acadêmicos que enfocam a teoria e a prática do ensino e da aprendizagem juntamente com seu respectivo assunto, a formação do tradutor continua na periferia da disciplina geral da educação.

Portanto a busca por caminhos que atendam o estágio para TILS com suas peculiaridades é essencial. Outro aspecto marcado pelos alunos em relação à disciplina estágio em interpretação refere, na voz dos estudantes, à sobrecarga que o nono semestre exige destes, conforme vemos nos relatos:

- *“Um dos maiores desafios nessa etapa foi conseguir administrar vida pessoal, profissional, e os estudos. Penso que nessa última etapa do curso dois estágios juntamente com o Trabalho de conclusão de curso fica muito pesado, pois são disciplinas que exigem muito do estudante, por se ter a parte prática e posteriormente o trabalho de escrita que exigem relacionar com teorias da área, também exigindo leituras... dentre outros quesitos.”*

- *“Eu ainda não cursei, mas acho que parece sobrecarregar fazer dois estágios e um TCC ao mesmo tempo”.*

Apesar do restante dos alunos não falar explicitamente sobre o assunto, desprende-se a partir da análise do perfil dos estudantes, que a maioria dos alunos que cursam a nona fase optaram por não realizar a totalidade das disciplinas ofertadas e correspondentes a dita fase. Por exemplo, identifica-se que dos 10 alunos que estão na nona fase alguns ainda não cursaram o estágio. Por outro lado, os alunos que sim cursaram o estágio ainda têm disciplinas pendentes do nono semestre. A partir desta observação se intui, como uma das causas possíveis, a sobrecarga de disciplinas no último semestre do curso à que os alunos referem nas suas falas. Esta sobrecarga pode estar relacionada ao número de disciplinas, ou ainda à transcendência da complexidade que estas têm na formação dos bacharéis. Lembrando que a nona fase do curso, como apontam os estudantes, é composta por 3 disciplinas: Estágio em Interpretação, Estágio em Tradução e ainda o TCC, etapa última também primordial e angustiante para os estudantes. Aspectos socioemocionais podem levar a uma diminuição do aproveitamento da vivência desta etapa final. Vygotsky (2018, p. 78) define vivência como “uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia e por outro lado como cada indivíduo vivencia isso”.

Para Martins (2013, p. 244) a compreensão da dinâmica relação entre o afeto e as funções cognitivas - linguagem, sensação, atenção, memória, percepção, pensamento, imaginação – é essencial, pois destaca que a unidade afeto-cognição pressupõe a “emoção como dado inerente ao ato cognitivo uma vez que nenhuma emoção ou sentimento e, igualmente, nenhum ato do pensamento, podem se expressar como “conteúdos puros”, isentos um do outro” Para o autor há uma relação intrínseca e recíproca entre emoções e as demais funções cognitivas do sistema psíquico humano.

Também se acrescenta como fator de carga emocional, o fato que a nona fase corresponde a última do curso, isto é, o momento mais próximo da formatura dos estudantes e portanto um momento carregado de ansiedades, questionamentos e inseguranças em relação aos novos horizontes, pois cada etapa encerrada na nossa vida é atravessada por diferentes emoções e sentimentos que nos preparam para a continuidade de inícios.

Podemos em relação a esta categoria, desde a voz dos estudantes, e afirmar que os relatos de experiências são variados e impactam aos estudantes de diversas formas, abarcando percepções sobre trabalho em equipe, estratégias tradutórias, exposição na hora de interpretar, escolhas lexicais, relações interpessoais, dentre outras. Que o tempo de duração do estágio é um aspecto questionado pelos alunos, assim como o lugar que ocupa na grade curricular, junto a disciplinas que requerem dos estudantes grandes esforços e o que culmina em uma sobrecarga.

Que os participantes desta pesquisa em sua maioria não conseguem ou optam por não cursar as três disciplinas no semestre sugerido no currículo do curso. Que os alunos reconhecem a importância desta etapa como uma etapa que proporciona experiências únicas em contextos reais de atuação e fundamentais para sua formação profissional.

4.3 Concepção do estágio no campo de atuação

Visualizamos também nos relatos o que os participantes pensam sobre o contexto onde se sucede o estágio. Pode se distinguir nos relatos dos discentes um questionamento sobre a área de atuação onde se dá o estágio. De forma geral, alguns se alinham a área em que realizaram o estágio, outros sentem falta de outras experiências interpretativas. As falas sobre esta categoria também se movimentam entre as vivências daqueles que já atuam como intérpretes e procurarão formação em outros espaços, e aqueles que vivenciam esta etapa como uma descoberta do contexto e da área de atuação com a que se afinam ou não. Vejamos o seguinte relato:

- “Estou estagiando em uma instituição escolar...Importante entender os aspectos de atuação quanto em relação as normas e exigências da escola para com o trabalho do intérprete educacional. Penso que essa experiência seria importante também em outros contextos de atuação do profissional intérprete por oportunizar o estudante a se aventurar nas diferentes áreas de atuação e assim poder escolher qual está mais de acordo com seu perfil de profissional. Penso que poderia haver mais parcerias dentro da universidade para possibilitar esses momentos de prática com outros contextos de atuação”.

O aluno/a expressa a importância de realizar o estágio em diversos contextos de atuação além do educacional. Parece interessante no discurso apresentado a relação com a identidade profissional à que se faz referência. Se os estudantes tivessem mais contato e conhecessem de forma presencial os diferentes contextos de atuação durante sua formação poderiam tal vez se identificar com um contexto ou com outro, podendo futuramente se aprofundar mais na área de interesse. Para alguns alunos o estágio é um espaço que brinda a oportunidade de um primeiro contato como o contexto real em que atuarão no futuro. Desde esse ponto de vista o estágio pode outorgar aos futuros intérpretes uma visão mais clara sobre em que área de atuação desejam se aprofundar.

Concorda-se com a afirmação de Rodriguez (2018, p. 215) que especifica que a formação dos intérpretes em Universidades Federais do Brasil é generalista, e abarca diversas

funções e contextos de atuação, deixando a formação mais especializada para as pós-graduações de caráter mais específico e profissionalizante. Porém, desde a visão dos estudantes sobre o curso objeto desta pesquisa, os alunos sentem que ao realizar o estágio na área educacional se dá, de certa maneira, mais ênfase a este contexto de que a outros no currículo do curso Letras Libras Bacharelado. Apesar de que o questionário proposto aos alunos não pergunta diretamente sobre em que área de atuação foi realizado o estágio, de forma implícita os relatos respondem a esta pergunta como vemos a seguir:

- *“Tinha muito receio de estagiar na área da educação, justamente pela responsabilidade de transmitir dados para alunos surdos. Tinha medo de errar. Contudo, como estagiei no período da pandemia, foi todo de forma on-line, o que me deixou mais segura, até porque eu não estava interpretando para crianças.”*

- *“O contexto de atuação se dá majoritariamente em sala de aula, e percebo que a absorção do conteúdo ensinado em sala é completamente diferente enquanto estou atuando e só observando.”*

- *“Está em andamento. Tem duração de 2 meses e estou na metade. Estou acompanhando uma intérprete contratada da equipe da UFSC que atua na central de intérpretes do CCE. O estágio ocorre em uma disciplina obrigatória do curso.”*

- *“O estágio em interpretação está sendo ótimo, bastante experiência prática. Estou estagiando em uma instituição escolar, tendo a oportunidade de atuar diretamente com o público alvo da interpretação entre o par linguístico Português-libras/ libras- Português.”*

Por sua vez em referência aos cursos de intérpretes de Libras no Brasil em Universidades Federais Rodriguez (2019, p. 60) prevê:

o desenho curricular de cada um dos cursos precisa ser debatido e repensado no sentido de não somente se verificar quais seriam os conteúdos centrais e indispensáveis à formação dos tradutores e intérpretes generalistas de Libras-Português, mas, também, de definir e reorganizar a distribuição da carga horária entre cada um dos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, com destaque, se esse for o caso, aos conteúdos das disciplinas de tradução e de interpretação. Os conteúdos de cada disciplina que compõe o desenho curricular – no que diz respeito ao seu caráter, ao seu tipo específico e à sua carga horária, assim como às maneiras por meio das quais serão distribuídos e abordados no decorrer do curso – precisam conduzir, gradualmente, à automatização da prática tradutória/intersetiva nos profissionais-em-formação.

Neste trabalho vemos o estágio como parte fundamental do curso e como um espaço que possibilita a aproximação ao processo de desenvolvimento profissional. Também se regata a concepção de estágio como espaço inconcluso, com um começo e um fim marcado cronologicamente, mas que brinda experiências marcantes para a prática profissional que não

se esgotam em si. Neste sentido, que o estágio poderia outorgar aos estudantes como co-responsáveis na busca por contextos com os quais sintam mais afinidades para estagiar, no sentido de se pensar estratégias para mitigar os entraves na escolha e/ou na realização propriamente dita.

Segundo Quadros (2004, p. 28) há na nossa sociedade diferentes espaços onde a presença de ILS se faz fundamental para que ocorra de forma efetiva a interação entre surdos e pessoas que desconhecem a Língua de Sinais. A falta de ILS em diversos contextos sociais tem como consequências “a) os surdos não participam de vários tipos de atividades (sociais, educacionais, culturais e políticas); b) os surdos não conseguem avançar em termos educacionais; c) os surdos ficam desmotivados a participarem de encontros, reuniões, etc.” Assim entende-se que a presença no âmbito educacional no momento presente é de suma importância, pois também é o que permite o acesso dos surdos à educação e por conseguinte à informação.

Do mesmo modo, há diferentes pesquisas acadêmicas que demonstram a necessidade de se abranger outros contextos de interpretação e de atuação, destacam-se aqui o contexto judicial, de saúde, artístico e cultural. Todavia, a participação de estagiários em tais contextos reais de atuação depende de diversos fatores envolvidos como: a presença frequente de intérpretes e ainda capazes de assumir o papel de supervisores de estagiários, a presença e/ou demanda por parte dos usuários surdos, a realização de convênios efetivos com a universidade, a abertura por parte das instituições a receber estes estagiários, dentre muitos outros aspectos, como já mencionamos.

Ainda obtivemos outras apreciações dos participantes, nos direcionando para algumas inquietações em que os alunos se depararam nesta etapa, conforme relatado abaixo:

- “E viver na prática aos desafios e possibilidades da profissão dentro do âmbito escolar me fez ter mais vontade de aprofundar meus estudos na área, para assim conseguir entregar um trabalho com mais qualidade. O que me deixa um pouco inquieta é a questão de na prefeitura de Florianópolis ainda não aceitar no edital a graduação de Letras Libras Bacharelado para atuar na escola, exigindo de nós estudantes do curso retornar para universidade para conseguir a graduação de Licenciatura.”

- “Superar esse desafio foi uma experiência muito boa. Entretanto, interpretar não é uma função que pretendo desempenhar no futuro”

Vimos no decorrer do referencial teórico que no momento de inscrição do vestibular os alunos que pretendem cursar Letras Libras da UFSC devem optar por Licenciatura ou

Bacharelado. Surpreende o relato que diz não querer desempenhar tal função? Reflete-se se essa conclusão que o aluno chega ocorre pela experiência do estágio propriamente dita, ou se tal sentimento já estava sendo ponderado em meio a sua formação... Será que o contato em fases anteriores com os contextos reais de atuação através de estágio poderia ter poupado os estudantes de fazer tais descobertas somente na fase final? Ou há lacunas na formação dos alunos em que pese um esclarecimento sobre o que se trata atuar como intérprete de Libras-Português profissionalmente?

Um dos estudantes se identifica com o contexto educacional, porém questiona sobre a necessidade de retornar e fazer também a Licenciatura. O outro aluno não informa de que forma pretende desenvolver a profissão, se é dando aulas ou realizando tradução por exemplo, mas afirma que não pretende ser intérprete. Sobre a observação do estudante acerca de a contradição entre a habilitação dos bacharéis e a realidade das exigências presentes nos editais municipais de Florianópolis para atuar como intérpretes de Libras visualiza-se que esta problemática é um aspecto já indagado na área de formação de intérpretes. Encontra-se como referência sobre o assunto o trabalho de Francisco e Santos (2016) que já nessa época problematizam essa temática ao estudarem os editais das cidades de Florianópolis e Itajaí.

As autoras na época de elaboração do trabalho questionam aspectos que permanecem sem muitas modificações até os dias atuais. Mas com uma visão positiva, também destacamos neste trabalho que perante a falta de profissionais intérpretes na educação com formação superior, o tema tem voltado a discussão e os editais do estado de Santa Catarina têm sofrido algumas modificações considerando os formandos do curso Letras Libras Bacharelado. Mesmo sendo uma problemática que instiga a dar visibilidade ao tema, este aspecto não será aprofundado. O interessante aqui é destacar que os alunos enfrentam inquietações e conflitos perante esta questão. Por sua vez é sugestivo refletir se a pouca quantidade de discentes e graduados como Bacharéis do Letras Libras comparados à Licenciatura não teria alguma relação com este fato.

Resumimos que sobre o contexto de atuação, os alunos investigados entendem que o estágio é um espaço onde os alunos começam a construir sua identidade profissional, e para tanto tem que ocorrer em contextos diversificados, o que demanda mais tempo para esta atividade. Também demonstram preocupação em relação a habilitação de sua formação e a realidade de exigência de formação nos editais educacionais do Estado de SC.

Para culminar com a análise dos estudantes, retomamos nosso referencial teórico e a conceituação de estágio como um espaço que brinda uma oportunidade de relacionar a teoria à prática e a prática à teoria. A conceituação de estágio durante este trabalho se construí a partir

do regulamento de estágio e dos aportes de autores como Pimenta e Lima dentre outros. Vimos também que a prática do estágio não é definitiva na formação, e deve contar com ações práticas com o restante das disciplinas, pois teoria e prática são indissociáveis. Afinal, os saberes experienciais são de suma transcendência na formação de profissionais, e o campo de estágio é um espaço propício para observação e desenvolvimento dos diversos saberes.

Assim visualiza-se que os alunos entendem o estágio no mesmo sentido, como um espaço onde a relação teoria e prática é plasmada e um espaço que possibilita a observação de realidades complexas e peculiares. Apresente-se assim os depoimentos sobre esta relação desde a visão dos estudantes:

- *“A disciplina de estágio em interpretação é ótima porque podemos colocar em prática os conhecimentos já aprendidos, nos permitindo fazer relações entre teoria e prática. E nos experienciar na prática da profissão.”*

- *“É uma oportunidade para observar um profissional com experiência e pôr em prática nossos aprendizados do curso.”*

- *“Nos ajuda a relacionar a teoria com a prática.”*

Observa-se que para os alunos a concepção sobre o estágio parece ser que entendem que o estágio como o momento de pôr em prática os saberes teóricos adquiridos durante as demais disciplinas. Percebem a importância do estágio supervisionado pois visualizam que só a teoria não dá conta da complexidade da profissão TILS e que ao aplicar a teoria à realidade é outra coisa.

A concepção de estágio nos estudantes não se limita à concepção deste como simplesmente instrumental; reconhecem que o estágio é um espaço potente para articular e compreender questões da ordem profissional. Porém, vimos nas categorias anteriores que estes percebem o predomínio de aspectos teóricos frente a situações reais que permitam a prática durante a formação. Talvez o fato de que o estágio se encontre alocado na última fase do curso não direcione aos estudantes uma percepção de estágio tão distanciada da proposta no PPP do curso?

Numa das afirmações dos estudantes, temos um diferente posicionamento, o que nos faz mencionar, a partir dos dados, sobre papel dos Laboratórios de Interpretação. Na afirmação do estudante são disciplinas que têm como objetivo aproximar aos estudantes a diferentes áreas de atuação e prepará-los para as práticas fora da academia. O estudante reporta:

-“O estágio de interpretação é o espaço ideal para pôr em pratica o que se aprende na teoria, porém, a teoria nos ensina estratégias de tomadas de decisões que ficam muito claras e evidentes na nossa cabeça, os momentos a tomar tais decisões, mas que na prática nem sempre se percebe por conta do time que as situações e circunstancias acontecem, acredito que as disciplinas de LAB's no decorrer do curso são de grande ajuda para pensar em áreas de atuação para quando finalmente chegar no estágio e na vida fora da academia”.

Podemos afirmar que as disciplinas de Laboratórios de Interpretação e Tradução cumprem com este objetivo de também suprir os contextos de atuação diversificados. Porém, vale mencionar que estes têm tido como estratégia didática, em sua maioria, que o aluno se desenvolva em situações simuladas e não reais como ocorre no estágio. Algumas experiências como saídas didáticas para estudo de campo também são incluídas nestas disciplinas, o que aproxima aos estudantes a diferentes campos de atuação. Assim, reconhece-se neste trabalho a importância dos Laboratórios de Interpretação como etapa preparatória para o estágio. Kiraly (2016, p. 248) defende:

A perspectiva teórica fornecida pela emergência produz um incentivo ainda mais poderoso para a realização de projetos de trabalho autêntico em sala de aula do que o produzido pelo socioconstrutivismo. As condições de trabalho quase autênticas que surgem do trabalho em um projeto real em sala de aula refletem a compreensão da cognição e da aprendizagem como ações congregadas ao invés do acréscimo de pedaços de conhecimento e habilidades.

Porém, Kiraly (2016, p. 236) também menciona a importância dos estágios na formação profissional como espaços de experiência autêntica que proporcionam aos estudantes aprendizagem fora da sala de aula. Tomando as reflexões citadas questionamos se uma maior aproximação dos laboratórios aos estágios e/ou vice-versa não seria uma vantagem para uma abordagem mais equilibrada entre atividade que simulam situações reais e atividades em contextos reais durante a formação dos TILS.

Em relação à como os estudantes percebem o estágio, vemos em suas falas o reconhecimento quanto à importância do estágio como um espaço propício e essencial que proporciona eles relacionar a teoria e a prática em situações reais de profissão. Que também entendem que há um desequilíbrio entre a oferta de atividades práticas em contextos reais e aquelas que relacionam teoria e prática a partir de atividades simuladas. Ou seja, parece que sentem a necessidade de mais prática em contextos reais. Se isso se daria via estágio obrigatório, ou parcerias de estágio não-obrigatório, ou via atividades de extensão ou qualquer outra proposta, cabe aos proponentes de reformulação curricular averiguar. Afinal, o estágio, objeto

de pesquisa deste TCC, é visto como lugar que proporciona construção de saberes, isto é, aqueles saberes que surgem da experiência em acordo à ideia de Tardif (2002, p.50) – e que são críticos em relação ao seu papel como aprendizes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos dos estudantes apontaram reflexões neste trabalho em diversas veredas, mas todos têm como ponto em comum a reflexão sobre aspectos que vinculam o Estágio Supervisionado em Interpretação a um papel essencial na formação dos TILS. Por outro lado, aspectos pertinentes à relação de teoria e prática na formação, sobre as experiências e impactos vivenciados pelos estudantes a partir desta disciplina, os sentimentos e as inquietações dos estudantes sobre esta etapa vão ao encontro de um propósito comum de alunos e formadores. Isto é, criar oportunidades para aprimorar a qualidade na formação dos TILS em conjunto e em consonância às demandas da comunidade surda.

Acredita-se que o acesso à informação sobre o estágio supervisionado por parte dos alunos do curso Letras Libras Bacharelado é importante para que estes ingressem nesta etapa de forma mais organizada e, conseqüentemente, possam transitar com mais tranquilidade. Visualize-se também que a socialização de experiências com outros colegas é valorizada pelos estudantes como fonte principal de informação e com o objetivo de minimizar os sentimentos de medo, ansiedade e insegurança perante uma etapa desconhecida e peculiar no processo formativo. O acesso à informação sobre esta etapa por parte dos estudantes se dá por meio de socialização com outros estudantes que já frequentaram o estágio, mas poderia ser acessado por outros meios e em diálogo com outras disciplinas.

Como possível estratégia e com o objetivo de proporcionar acesso à informação aos estudantes a formalização deste intercâmbio através de oficinas acerca do tema, que podem ser ministradas pelos próprios alunos e com o auxílio de professores e orientadores, e divulgadas em diferentes momentos da formação curricular. Favorece-se assim a relação entre discentes recém-chegados aos em vias de graduação. A proposta intenta apresentar uma dentre as tantas estratégias possíveis, de fácil aplicação e viável dentro do contexto acadêmico para que os estudantes tenham mais diálogo sobre uma instância de vivências dentro da graduação que consideram transcendente e é repleta de particularidades e expectativas.

Percebe-se também que para os estudantes o estágio se concebe como uma parte importante em sua formação e que esta importância se alinha com as impressões dos estudantes sobre suas experiências e seus impactos, e que no entender destes o estágio poderia ocupar um espaço maior na grade curricular. Porém, não se perde de vista que reformas curriculares requerem de processos longos, de diálogos e negociações e diversos aspectos burocráticos, atrelados a múltiplos interesses. Por sua vez, as diversas barreiras não impedem visualizar alternativas que aproximem aos estudantes a vivenciar mais práticas em contextos reais. Por

exemplo, através de disciplinas já existentes, que aproximem os estudantes as experiências de interpretação similares às oportunizadas pelos estágios. Desta forma iniciar com uma aproximação dos estudantes aos diversos contextos de atuação pode permitir uma identificação dos espaços disponíveis para que de fato futuramente o estágio em interpretação e o lugar que este ocupa na grade curricular seja reconsiderado atentando às demandas e problemáticas visualizadas pelos estudantes.

Os alunos também manifestam a importância de contato com diferentes contextos de atuação além do âmbito educacional, e sob este ponto reconhecemos que a sociedade também é carente nesta oferta. Depois de alguns anos de Letras Libras, começar a pensar em tal possibilidade implica considerar diferentes aspectos, dentre estes considerar uma maior abertura das portas da universidade para a comunidade, identificar os espaços possíveis de atuação dos estagiários e levar os estudantes para fora da sala a partir de convênios efetivos. Reconhece-se que os convênios da universidade com instituições que atuam em diversos contextos já existem plasmados no papel. O caminho consistiria em efetivar a presença de estagiários nos lugares de interesse e diversificados. Assim, a cada novo espaço bem ocupado novas demandas se abrem para que outros estagiários consigam seguir seus passos, dando inclusive mais visibilidade à função do TILS na sociedade. É uma tarefa que requer dos esforços conjuntos e também, como visto ao longo deste trabalho, implica a existência de espaços disponíveis para que isto se efetive e com condições de receber os estagiários.

Vale dizer, neste momento de concluir, que a presente pesquisa, através das impressões dos estudantes sobre o estágio supervisionado, pode ser desdobrada em outros aspectos que sentimos falta de respostas. Para o momento, o recorte nos direcionou à visualização de alguns questionamentos e inquietações que ficam, na maioria das vezes, apenas nos corredores da universidade e expressos nos sentimentos subjetivos dos alunos e compartilhados entre estes. As expectativas e medos se diluem conforme vão vivenciando o estágio, e outras questões importantes são levantadas para futuras reflexões em relação à formação dos TILS. Desde esta perspectiva acredita-se, de forma humilde, que as discussões plasmadas neste trabalho e que surgem a partir das vozes dos estudantes podem ser disparadores para um maior aprofundamento do tema que abrange uma etapa de que o trabalho na formação dos TILS está em constante reformulação. Bem como as discussões sobre o Estágio Supervisionado na formação do intérprete, suas peculiaridades e o seu papel no Curso Letras Libras Bacharelado da UFSC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBRES, N. de A.; SANTOS, A. G. D.; SILVA, M. D. da. Estágio supervisionado no curso de Letras Libras: interlocução com as novas demandas sociais em tempos de pandemia. **Revista de estudos em educação e diversidade - REED**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/8115>. Acesso em: 3 jun. 2022.
- BARDIN, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- BRASIL. **Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 26 de set. 2008. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm. Acesso em: 19 de junho de 2020.
- BONDIA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.
- COIMBRA, T. **Intérpretes de Libras-português no Contexto de Conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. 211.f. Florianópolis, 2016.
- DALL'ALBA; C. SARTURI. C. Letras/Libras: Curso Superior inédito da América Latina. **Revista Virtual de Cultura Surda** Edição Nº 14 Arara Azul / Setembro de 2014.
- FRANCISCO, C.; SANTOS, S. A. dos. Editais de concursos públicos: análise das atribuições dos intérpretes educacionais libras-Português. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 48-64, 2016. DOI: 10.5216/rs.v1i1.35856. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/35856>. Acesso em: 26 maio. 2023.
- GESSER, A. Orientações para o estagiário bacharel em Letras Libras. Material didático desenvolvido para o curso Letras Libras na modalidade presencial. UFSC, 2013.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- KIRALY. De pressupostos sobre o conhecimento e a aprendizagem à práxis na formação do tradutor Belas Infieís, v. 5, n. 1, p. 227-249, 2016.
- LIMA, M. **Políticas Linguísticas e Tradutores e Intérpretes do par LIBRAS/Português Brasileiro: Implicações na Formação Profissional em Decorrência da Legislação Brasileira**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, 2018.

LINDEN, C.V. **Como diz Libras em Libras? constituição do conhecimento linguístico na formação de tradutores e intérpretes de libras**. 2017.136 f. Dissertação (Mestrado apresentada ao Programa de PósGraduação em Linguística (PPGLg) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

LOBATO, H. K; BENTES, J. A. de O. O estágio supervisionado de Libras: o acontecimento inconcluso e a prática educativa intercultural crítica. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.11, n.31, p. 413 - 439, 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/4446/3672>. Acesso em: 10 de mar 2023.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar**: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas: Autores Associados, 2013.

MARTINS, V; NASCIMENTO, V. Da formação comunitária à formação universitária (e vice versa): novo perfil dos tradutores e intérpretes de Língua de Sinais no contexto brasileiro. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis, p. 78-112. Jul-dez 2015.

MASUTTI, M; SANTOS, S.A. Intérpretes de Língua de Sinais: uma política em construção. In: Ronice Muller de Quadros. (Org.). Estudos Surdos III. 1ed.Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008, v. 3, p. 148-167

MINAYO, M. C. de L. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PIMENTA, S, G; LIMA M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis Pedagógica**, [S. l.], v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: mar, 2023.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. 4ed. São Paulo: Cortez, 2010.

QUADROS, Ronice Müller de. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa. Brasília: MEC, 2004. 94 p.

QUADROS, R, M. Letras LIBRAS: ontem, hoje e amanhã Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.530 p.

RABELO, W. C. S. V. **Crenças de professores de Libras na formação de tradutores e intérpretes**. 2021. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

RODRIGUES, C, H. Formação de Intérpretes e tradutores de Língua de Sinais nas Universidades Federais brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular. **Translation**, Porto Alegre, n.15,p, 197- 222, 2018.

RODRIGUEZ Competência em Tradução e Línguas de Sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n (57.1): 287-318, jan./abr. 2018b.

RODRIGUES C, H. O corpo de disciplinas de tradução na formação de tradutores e intérpretes de Língua de Sinais no Brasil: conteúdos, carga horária e competências *Belas Infiéis*, v. 8, n. 1, p. 145-162, 2019.

SAMPIERI,R; COLLADO,F; BAPTISTA,M. Metodologia de pesquisa. 5 Ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SARTURI, C. **Cultura e Identidade Surda no Discurso Curricular e seus Efeitos na Docência de Professores Formados no Curso de Letras/Libras** – Polo UFSM. 2013. 91f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2013.

SHIGUNOV, A; FORTUNATO, IVAN (ORG.). **20 anos sem Donald Schön: o que aconteceu com o professor reflexivo?** São Paulo: Edições Hipótese, 2017.

SCHON, D. Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Colegiado do curso de Letras Libras. **Regulamento de Estágio**. Florianópolis, 2013. Disponível em: https://letraslibras.grad.ufsc.br/files/2013/03/Regim_Bel_Pres_APROVADO_28-03-131.pdf. Acesso em: 10/04/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Plano de ensino de estágio Supervisionado em Interpretação**. Florianópolis, 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras Libras** bacharelado presencial UFSC. Florianópolis, 2012. Disponível em: https://letraslibras.paginas.ufsc.br/files/2013/04/PPPLibras_Curriculo_2012_FINAL_06-03-2014.pdf

VIGOTSKI, L. S. **Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. Organização e tradução Zoia Prestes, Elizabeth Tunes. Tradução de Cláudia da Costa Guimarães Santana. 1. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

ZABALA, A.; ARNAU, L. **Como aprender e ensinar competências**. Tradução: Carlos Henrique Lucas Lima; revisão técnica: Maria da Graça Souza Horn. Porto Alegre: Penso, 2014. E-PUB Editado como livro impresso em 2010. Disponível em: <https://www.apostilasopcao.com.br/arquivos-opcao/erratas/11420/69601/como-aprender-e-ensinar-competencias.pdf>. Acesso em: 10.abril.2023.

ANEXO I. Formulário aplicado aos estudantes do Curso Letras Libras Bacharelado UFSC.

02/06/2023, 22:25

Questionário para a pesquisa de TCC: O Estágio Supervisionado de Intepretação do Curso Letras Libras Bacharelado UFS...

Questionário para a pesquisa de TCC: O Estágio Supervisionado de Intepretação do Curso Letras Libras Bacharelado UFSC na perspectiva dos alunos em formação

**Prezado(a) aluno(a)/graduando(a) do Letras Libras - Bacharelado da UFSC,*

Estamos realizando uma pesquisa de conclusão de curso (TCC) sobre Estágio Supervisionado em Interpretação e gostaríamos de contar com sua participação anônima para responder alguns questionamentos via ferramenta do google forms. Sua identidade será resguardada e os dados coletados serão utilizados para fins exclusivamente científicos.

** Indica uma pergunta obrigatória*

Formulário TCC Letras Libras Bacharelado

1. 1. O Curso Letras Libras Bacharelado na UFSC é sua primeira graduação? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

2. Se não, qual sua formação anterior?

02/06/2023, 22:25

Questionário para a pesquisa de TCC: O Estágio Supervisionado de Interpretação do Curso Letras Libras Bacharelado UFS...

3. 2. Em que fase você está atualmente no Curso Letras Libras? (não considere disciplinas pendentes) *

Marcar apenas uma oval.

- 1ª Fase
- 2ª Fase
- 3ª Fase
- 4ª Fase
- 5ª Fase
- 6ª Fase
- 7ª Fase
- 8ª Fase
- 9ª Fase
- Já sou formado

4. 3. Qual sua visão da disciplina de Estágio de Interpretação na grade curricular do Letras-Libras? *

5. 4. Você já cursou o Estágio em Interpretação? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 9*
- Não *Pular para a pergunta 6*
- Em andamento *Pular para a pergunta 9*

Ainda não cursou o estágio obrigatório

02/06/2023, 22:25

Questionário para a pesquisa de TCC: O Estágio Supervisionado de Interpretação do Curso Letras Libras Bacharelado UFS...

6. a. Tem alguma ideia de como será o estágio obrigatório? (Tempo de duração, contexto de atuação, dinâmica, normas etc.) *

7. b. Como acessou essas informações sobre o estágio? (Colegas, professores, documentos etc.) *

8. c. Qual a sua expectativa em relação ao estágio de interpretação? *

Já cursou o estágio obrigatório,

9. a. Como foi sua experiência de estágio? (Envolvimento, tempo de duração, contexto de atuação, dinâmica, normas etc.) *

02/06/2023, 22:25

Questionário para a pesquisa de TCC: O Estágio Supervisionado de Intepretação do Curso Letras Libras Bacharelado UFS...

10. b. Comente sobre suas expectativas (antes de iniciar) e a realização do estágio (depois de iniciar). *

11. c. Em quais termos o estágio de interpretação impactou sua formação? Explique. *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários